

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**SOLIDÃO E PADRÕES DE VINCULAÇÃO AOS PAIS
NA ADOLESCÊNCIA**

Marina Alexandra Silva Maia

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica
Dinâmica)**

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**SOLIDÃO E PADRÕES DE VINCULAÇÃO AOS PAIS
NA ADOLESCÊNCIA**

Marina Alexandra Silva Maia

Dissertação orientada pela Professora Doutora Constança Biscaia

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica
Dinâmica)**

2014

Agradecimentos

À professora Dr.^a Constança Biscaia pela disponibilidade, interesse e orientação na elaboração deste trabalho.

Aos adolescentes que participaram no estudo cuja participação era imprescindível para a realização da investigação.

À minha mãe, por ter transmitido valores e conceitos de vida que me tornaram uma Pessoa capaz de lutar pelos meus objetivos e, sobretudo, por me ter permitido e encorajado a construir a vida profissional que escolhi.

Ao meu irmão, por me transmitir sempre força e por me apoiar nos momentos de desânimo.

À minha família e amigos, que acreditaram em mim e me apoiaram durante esta longa e trabalhosa etapa da minha vida.

Resumo

O presente estudo teve como principal objetivo contribuir para a compreensão da experiência de solidão vivenciada pelo adolescente nas suas relações com os pais, os pares e o par amoroso e o significado que atribui à experiência de estar só (aversão ou afinidade à solidão), na sua relação com o padrão de vinculação apresentado face aos pais. A investigação contou com uma amostra de 122 adolescentes (91 do sexo feminino e 31 do sexo masculino) com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos. Foram utilizados dois questionários, o *Questionário de Avaliação da Solidão* (Bastos, 2005) e o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (Gouveia & Matos, 2011). Foi ainda aplicado um questionário sociodemográfico de modo a caracterizar a amostra. Os resultados demonstraram que na adolescência existem maiores valores de solidão na relação com o par amoroso e na relação com os pais. Revelaram que existe diferenças significativas quanto à experiência de solidão na relação com os pais, sendo que esta é mais elevada em adolescentes cujos pais estão divorciados. Por fim, revelam que os padrões de vinculação relacionam-se com a experiência de solidão, na medida em que são influenciados pelos modelos internos do *self* e dos outros. Os resultados demonstram ainda que adolescentes com padrão de vinculação seguro comparativamente com os restantes padrões apresentam valores superiores na experiência de solidão na relação com os pares sugerindo que também são afetados pela ambivalência quanto ao desejo de autonomia e de continuação da dependência relativamente aos pais.

Palavras-chave: adolescência, solidão, vinculação.

Abstract

The present study focuses on understanding the experience of loneliness lived by the adolescent on his relationships with the parents, peers and the romantic partner and the meaning that the adolescent gives to the experience of being alone, (aversion and affinity to solitude) related with the pattern of attachment presented according to the parents. The investigation had the participation of 122 adolescents (91 females and 31 males) with ages between 14 and 18 years old. Two questionnaires have been used, the *Questionário de Avaliação da Solidão* (Bastos, 2005) and the *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (Gouveia & Matos, 2011). It was also used a questionnaire regarding the socio-demographic data. The results show that in the adolescence there are more values of loneliness in the relationship with the romantic partner and in the relationship with the parents. They revealed that there are significant differences on the experience of loneliness and relationship with the parents, being the last one higher on adolescents whose parents are divorced. Finally, they reveal that the patterns of attachment are related to the experience of loneliness, as they are influenced by internal models of self and others. The results also show that adolescents with secure attachment compared to the other patterns show higher values on the experience of loneliness in the relationship with peers suggesting that they are also affected by the ambivalence about the desire for autonomy and continued dependence on parents.

Key-words: adolescence, loneliness, attachment.

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento teórico	3
1.1 Adolescência	3
1.2 A Solidão	4
1.2.1 Olhares sobre a solidão	4
1.2.2 Adolescência e Solidão	7
1.3 A Vinculação	8
1.3.1 Vinculação na adolescência	11
1.3.2 Vinculação e solidão	14
2. Objetivos e hipóteses	16
3. Metodologia	18
3.1 Participantes	18
3.1.2 Caracterização sociodemográfica da amostra	18
3.2 Instrumentos de medida	19
3.2.1 Questionário sociodemográfico	20
3.2.2 Questionário de Avaliação da Solidão	20
3.2.3 Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM).....	21
3.3 Procedimentos de recolha e análise dos dados	22
4. Resultados	25
4.1 Caracterização dos resultados do Questionário de Avaliação da Solidão... ..	25
4.1.1 Estatística descritiva e análise das diferenças	25
4.2 Caracterização dos resultados do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe	28
4.2.1 Estatística descritiva e análise das diferenças	28
4.2.2 Análise de clusters	30
4.3. Análise das diferenças na experiência da solidão em função da distribuição dos padrões de vinculação aos pais	33
4.4. Análise da correlação das subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão e do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe	35
5. Discussão.....	37
6. Conclusão	44
Referências bibliográficas	48

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica da amostra	19
Tabela 2. Médias, Desvio Padrão, Mínimos e Máximos das médias das subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão	25
Tabela 3. Resultados relativos ao teste <i>Mann-Whitney</i> para a variável género em função das subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão	26
Tabela 4. Resultados relativos ao teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a variável idade em função das subescalas do Questionário de Avaliação à Solidão	27
Tabela 5. Resultados relativos ao teste <i>Mann-Whitney</i> para a variável estado civil dos pais em função das subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão	27
Tabela 6. Médias, Desvio Padrão, Mínimos e Máximos das médias das subescalas do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe	28
Tabela 7. Médias das dimensões QVPM em função dos clusters para o Pai e para a Mãe	31
Tabela 8. Médias das diferenças da experiência de solidão em função da distribuição dos padrões de vinculação aos pais	34
Tabela 9. Análise da correlação das subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão e do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe	36

Índice de Anexos

Anexo I - Questionário Sociodemográfico

Anexo II - Questionário de Avaliação da Solidão

Anexo III - Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

Anexo IV - Consentimento Informado dos Encarregados de Educação

Anexo V - Análise das diferenças entre as dimensões QVPM e o género dos adolescentes

Anexo VI - Análise das diferenças entre as dimensões QVPM e o estado civil dos pais dos adolescentes

Introdução

A presente investigação centra-se na compreensão da forma como o adolescente percebe e experimenta a solidão nas suas várias dimensões relacionais, bem como o significado que atribui à experiência de estar só, na sua relação com os padrões de vinculação apresentados relativamente aos pais. A adolescência caracteriza-se por um período de desenvolvimento complexo no qual os adolescentes se confrontam com múltiplas mudanças, gerando um ciclo de desorganização e reorganização do sistema psíquico.

As principais mudanças desta etapa de desenvolvimento estão relacionadas com a construção da sua identidade, o processo de separação-indivuação e o crescente desejo de autonomia relativamente aos pais, bem como o desejo de explorar o mundo extra familiar. Estes processos de autonomia implicam uma progressiva separação interna dos pais e o investimento em novas relações extrafamiliares e, por isso, apesar de desejados são também geradores de ansiedade e insegurança. Assim, a solidão na adolescência é considerada um fenómeno normativo, parecendo surgir devido à ambivalência de sentimentos relativamente à experiência de estar só (desejo e medo). A qualidade da relação estabelecida com os pais, nomeadamente os modelos internos de vinculação estabelecidos na infância, definem a segurança ou insegurança do indivíduo nas suas relações de vinculação.

Deste modo, pretende-se analisar e estudar as implicações dos padrões de vinculação na percepção e experiência de solidão nas suas diversas dimensões e no significado atribuído à experiência de estar só em adolescentes. Para isso, recorreu-se a uma amostra de 122 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos e a frequentar o ensino básico e secundário, tendo sido utilizados dois instrumentos: o Questionário de Avaliação da Solidão, conceptualizado por Bastos (2005) e o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM), desenvolvido por Matos e Gouveia (2011).

Esta investigação está organizada em seis capítulos. No primeiro capítulo, é realizada uma revisão de literatura e um enquadramento teórico da temática em estudo. No segundo capítulo são apresentados os objetivos gerais e específicos e respetivas hipóteses. No terceiro capítulo é exposta e desenvolvida a metodologia da investigação,

tendo em conta a amostra do estudo, os instrumentos de medida e os procedimentos de recolha de dados e estatísticos. No quarto capítulo são explorados os resultados obtidos e no quinto capítulo é apresentada a sua discussão. Por fim, o capítulo 6 apresenta a conclusão da investigação realizada.

1.Enquadramento teórico

1. Adolescência

A adolescência é o período de transição entre a infância e a idade adulta, no qual ocorrem diversas transformações biopsicossociais. Segundo Roberts (citado em Ferreira & Nelas, 2006) representa uma fase crítica, com múltiplas perdas, que implica a realização de sucessivos processos de luto.

Esta etapa de desenvolvimento inicia-se por volta dos 11/12 anos, com as primeiras mudanças biológicas e físicas da puberdade, que permitem a transformação do corpo e a aquisição de maturidade sexual (Ferreira & Nelas, 2006; Matos, 2005). Estas transformações vão implicar a perda da imagem do corpo de criança e a aceitação das alterações que ocorrem no mesmo, gerando um ciclo de desorganização e reorganização do sistema psíquico (Ferreira & Nelas, 2006). Assim, a maturação física e biológica está associada ao desenvolvimento emocional e social ligado a novas necessidades de intimidade e sociais (Brennan, 1982).

Segundo Blos (citado em Ferreira & Nelas, 2006), a adolescência é como um segundo processo de separação-indivuação, através do qual se substituem os pais como figuras de vinculação privilegiadas (Matos, 2005) e se procura ganhar autonomia e independência (Larson, Csikszentmihalyi, & Graef, 1982), passando-se a estar mais tempo sozinho ou com os amigos do que com a família (Larson, 1999). Para isso, segundo Coimbra de Matos (1986, citado em Ferreira & Nelas, 2006), é necessário que haja uma transformação dos imagos parentais e das relações com os mesmos, de modo a que se torne possível o estabelecimento de novas relações amorosas extrafamiliares.

Todas estas mudanças implicam a reestruturação da imagem que o adolescente tem de si próprio, quer a nível físico quer psicológico e das relações sociais (Matos, 2005). Este processo está associado à construção da identidade, que Matos (2005) refere ser realizada de forma inconsciente, a partir de uma multiplicidade de identificações.

Se até então a identificação consistia na assimilação de características de pessoas do meio intrafamiliar como os pais, a partir da adolescência passa a existir também a

influência de modelos extrafamiliares com quem se tem ou deseja ter relações privilegiadas (Matos, 2005). Além disso, Erikson (1976) refere que a identidade do ego resulta da integração das identificações infantis precoces juntamente com aspectos psicológicos e psicossociais do presente com as identificações feitas a outros objetos.

O desenvolvimento cognitivo tem um papel fundamental no processo de individuação, com a emergência da capacidade de realização de operações formais, simbolização e pensamento abstrato (Brennan, 1982). Estas aquisições permitem que os adolescentes sejam, gradualmente, capazes de representar e comparar múltiplas perspectivas e atributos, promovendo uma visão mais diferenciada do mundo, do *self* e dos outros (Moretti & Peled, 2004). Nesta fase de desenvolvimento há, assim, a emergência de um autoconceito mais organizado e diferenciado e um novo tipo de autoconsciência, fundamental para a experiência de solidão (Brennan, 1982; Heinrich & Gullone, 2006).

A adolescência termina com a adaptação e concretização de determinadas tarefas de desenvolvimento de caráter afetivo, social, sexual e intelectual (Ferreira & Nelas, 2006). Estas tarefas estão relacionadas com a aquisição de autonomia em relação às figuras de vinculação primárias, a elaboração de uma identidade própria, a aquisição de um sistema de valores e a capacidade de estabelecer e manter relações estáveis e maduras (Ferreira & Nelas, 2006).

1.2 A Solidão

1.2.1 Olhares sobre a Solidão

A solidão é um sentimento comum no ser humano e, portanto, bastante explorado em várias áreas, o que torna difícil a sua definição objetiva.

A solidão é definida por Sullivan (1953, citado em Peplau & Perlman, 1982) como resultante da não-satisfação das necessidades básicas de intimidade. É um estado aversivo, experienciado quando existe uma discrepância significativa entre as relações interpessoais desejadas pelo sujeito e a vida social percebida pelo mesmo (Perlman &

Peplau, 1982; Rubenstein, Shaver & Peplau, 1979). Esta definição destaca uma componente emocional e uma componente cognitiva da solidão. A componente emocional relaciona-se com as experiências emocionais negativas que surgem associadas ao sentimento de solidão, estando a componente cognitiva associada à percepção que cada pessoa tem de si como um ser sozinho e a avaliação que faz das suas relações sociais, quer em quantidade quer em qualidade (Karnick, 2005; Peplau & Perlman, 1982).

A solidão é considerada um fenómeno psicológico subjetivo, que depende da percepção que cada sujeito tem de si próprio enquanto sozinho ou isolado e, portanto, não é sinónimo de isolamento social total (Peplau & Perlman, 1982).

De um modo geral, a solidão é descrita como uma experiência desagradável, angustiante e debilitante (Killeen, 1998; Peplau & Perlman, 1982) e está frequentemente associada a sentimentos negativos como tristeza, vergonha, culpa, frustração, desespero e perda (Rubenstein et al, 1979). A solidão como experiência persistente e dolorosa coloca muitas vezes em risco o bem-estar e a saúde física e mental dos sujeitos (Carvajal-Carrascal & Caro-Castillo, 2009; de Jong-Gierveld, 1998; Peplau & Pearlman, 1982), estando associada ao surgimento de comportamentos de risco, tais como o abuso de álcool e comportamentos suicidários, mas também a dimensões psicopatológicas como a depressão (Cacippo, Hughes, Waite, Hawkey & Thisted, 2006; Heinrich & Gullone, 2006; Killeen, 1998; Peplau & Perlman, 1982).

A solidão é um conceito multidimensional que tem levado à construção de várias tipologias para distinguir diferentes formas de solidão. Para Weiss (1973, citado em Perlman & Peplau, 1982), existem dois tipos de solidão: social e emocional. A solidão social está associada à percepção de inexistência de uma rede social adequada e ausência de sentimento de companheirismo. Em contraste, a solidão emocional é causada pela ausência ou perda de uma figura de vinculação íntima, ou seja, pela percepção de ausência de uma relação de intimidade, emocional ou vinculativa, existente nas relações românticas e familiares (Weiss citado em Perlman & Peplau, 1982).

A solidão pode ser considerada um traço de personalidade, respeitante a uma solidão crónica resultante de défices nas habilidades sociais, ou um estado psicológico

temporário, surgindo apenas em situações pontuais específicas (Perlman & Peplau, 1998).

Além disso, pode ser classificada em termos de duração como: transitória, quando se trata de um estado de solidão breve e ocasional; situacional, quando algum evento de vida provoca uma alteração nos relacionamentos satisfatórios durante um período de tempo relativamente curto, por exemplo, o divórcio; ou crônica, quando se refere à incapacidade de estabelecer relações pessoais satisfatórias num período igual ou superior a dois anos (Young, 1982).

Existem referências de que a solidão é um fenómeno comum aos diversos estádios de desenvolvimento, sendo que as primeiras experiências de solidão ocorrem na infância e prolongam-se ao longo de toda a vida (Fromm-Reichmann citado em Perlman & Peplau, 1982; Sullivan citado em Perlman & Peplau, 1982; Winnicott, 1958; Zilboorg citado em Perlman & Peplau, 1982). No entanto, é na adolescência que se torna uma experiência mais recorrente e dolorosa, devido às múltiplas mudanças que ocorrem nesta fase de desenvolvimento, como o reajustamento das relações interpessoais, o aparecimento de uma nova forma de intimidade, o desenvolvimento da identidade e a luta pela autonomia (Brennan, 1982; Sullivan, 1953 citado em Brennan, 1982; Weiss, 1973 citado em Brennan, 1982).

Se por um lado a solidão é descrita como uma experiência angustiante, por outro, é encarada como positiva, sendo definida por Moustakas (1961, citado em Perlman & Peplau, 1982) como solitude. Para Winnicott (1958), a solitude caracteriza-se pela capacidade do individuo estar só, sem realmente estar sozinho, desenvolvida na infância. Esta capacidade é considerada um dos sinais mais importantes de maturidade no desenvolvimento emocional de uma pessoa e depende da relação mãe-bebé estabelecida (Winnicott, 1958). Neste sentido, Winnicott (1958) refere que a capacidade de estar só na presença do outro depende da existência de um bom objecto interno, que só é passível de ser construído se a criança tiver tido acesso ao suporte de uma mãe suficientemente boa, que lhe tenha garantido sucessivas gratificações satisfatórias e, por isso, contribuído para a crença de um ambiente benigno. Assim, no decorrer do tempo, a criança introjecta a mãe como ego de suporte e diferenciada de si, sendo por isso capaz de ser e estar por si só, sem a referencia da mãe (Winnicott, 1958).

Segundo vários autores, a solidão corresponde a uma experiência criativa, edificante e madura, que promove o crescimento pessoal a vários níveis, tais como intelectual, emocional e espiritual (Burger, 1995; Karnick, 2005; Moustakas citado em Perlman & Peplau, 1982). A capacidade de estar só consigo próprio é considerada útil para lidar com a própria solidão, pois é uma experiência prazerosa que nos permite organizar pensamentos e refletir sobre o passado e o futuro, potencializando uma auto-reestruturação dos nossos recursos e energia (Burger, 1995; Rockack citado em Killeen, 1998). Na adolescência, dada a multiplicidade de transformações, a capacidade para “estar só” passa a ser encarada como um momento positivo e construtivo para a construção de uma identidade pessoal e à manutenção do equilíbrio psicológico (Bastos & Costa, 2005).

Em suma, na adolescência a experiência de “estar só” pode ser encarada como positiva, sendo desejada, ou pode ser assumida como negativa, associada a sentimentos de solidão e desejo de os evitar. Estas tendências relativamente à capacidade de estar só são independentes mas não opostas, podendo ocorrer em simultâneo e ser modificadas à medida que se alteram as necessidades do indivíduo (Bastos & Costa, 2005).

1.2.2 Adolescência e a solidão

A solidão na adolescência é considerada uma experiência normativa, devido às mudanças que ocorrem a nível da identidade e das novas expectativas e necessidades interpessoais e de intimidade (Sippola & Bukowski, 1999). A formação da identidade e o desenvolvimento da autonomia leva os adolescentes a experimentar sentimentos de separação, perda e responsabilidade, o que aumenta a vulnerabilidade à solidão (Carvajal-Carrascal & Caro-Castillo, 2009). A solidão na adolescência, está frequentemente associada às mudanças na relação pais-filho e na estrutura familiar, que podem tornar difícil a obtenção de apoio, orientação e satisfação de necessidades interpessoais básicas (Carvajal-Carrascal & Caro-Castillo, 2009). Este tipo de sentimento é denominado por solidão existencial (Moustakas citado em Perlman & Peplau, 1982), pois promove o desenvolvimento pessoal (Lasgaard & Elklit, 2009).

Perante as bruscas transformações, os adolescentes podem não conseguir adquirir as capacidades sociais necessárias para lidar com o ambiente social ou desenvolver expectativas irrealistas acerca das suas relações interpessoais (Peplau & Perlman, 1982). Além disso, com o aumento da relevância das relações íntimas na adolescência (Erikson citado em Heinrich & Gullone, 2006) e com a atitude idealista dos adolescentes, a discrepância entre a necessidade de intimidade e a falha na sua obtenção é sentida de forma intensamente dolorosa (Rubenstein et al, 1979). Assim, quando se verifica um estado de solidão doloroso e persistente, que não é resolvido antes do término da adolescência, é considerado não-normativo e pode prejudicar o bem-estar e a saúde mental dos adolescentes (Lasgaard & Elklit, 2009).

A solidão aumenta e é mais prevalente durante a adolescência (Heinrich & Gullone, 2006), embora os sujeitos desta faixa etária tendam a estar rodeados de pares (Lasgaard & Elklit, 2009). Existem afirmações de que os adolescentes experienciam solidão mesmo quando estão com outras pessoas, sendo estas pares ou familiares (Lasgaard, Goossens, Bramsen, Trillingsgaard & Elklit, 2011). A solidão é considerada uma ameaça ao funcionamento psicológico e à saúde mental dos indivíduos (McWhirter, 1990), parecendo estar associada a depressão, distímia, ansiedade, ideação suicida, distúrbios alimentares e comportamentos auto-mutilantes (Koenig & Abrams, 1999; Lasgaard et al., 2011).

1.3 Vinculação

A vinculação diz respeito a um laço afetivo forte e duradouro que uma pessoa estabelece com outra (Moura & Matos, 2008). Este laço advém da necessidade humana de estabelecimento e manutenção de relações afetivas de proximidade (Bastos & Costa, 2005).

Bowlby (1969) desenvolveu a sua teoria da vinculação com base na psicanálise, etologia e biologia. Para o autor, os bebés nascem equipados com sistemas comportamentais, nomeadamente comportamentos de vinculação, como o choro, a sucção, o sorriso, a colagem e o seguimento, ativados em situação de desconforto

(Bowlby, 1969). Estes comportamentos desenvolveram-se no sentido de garantir a sobrevivência da criança e conjugam-se com o sistema comportamental dos adultos, que têm como função reconhecer e responder de forma adequada às suas necessidades físicas e sociais (Ainsworth, 1985; Bowlby, 1969). Assim, a vinculação da criança com o prestador de cuidados resulta da ativação dos sistemas comportamentais que operam na manutenção da proximidade, física e emocional, e na satisfação biológica de sobrevivência e proteção (Ainsworth, 1985; Bowlby, 1969). Além disso, Ainsworth (1985) confere à vinculação uma dimensão de segurança, considerando-a um laço emocional estabelecido entre a criança e uma pessoa significativa, percebida como uma fonte segura. Esta base segura facilita a exploração do meio envolvente, por parte da criança, que retorna a esta perante situações stressantes (Ainsworth, 1985). Assim, a vinculação resulta de um equilíbrio entre a procura de proximidade e a exploração do meio, facilitado pela capacidade responsiva e a disponibilidade do prestador de cuidados que garante à criança uma base segura.

Partindo desta base teórica, Ainsworth (1985) desenvolveu o procedimento da situação estranha para avaliar as diferenças individuais das crianças na organização dos comportamentos de vinculação e exploração (Ainsworth, 1985; Bowlby, 1969). Este procedimento consiste numa sequência de episódios de três minutos cada, com duração total de vinte minutos, aplicada a crianças de um ano (Ainsworth, 1985). Nesta sequência há uma ativação progressiva do sistema de vinculação da criança com o acumular de stress através de três elementos geradores de insegurança na criança: a entrada num ambiente desconhecido, a presença de um estranho e duas breves separações da mãe (Ainsworth, 1985). Os comportamentos de vinculação observados dizem respeito a três características afetivas e comportamentais: (1) procura de proximidade, que nos indica o grau em que a figura de vinculação é procurada para apoio emocional e corresponde às necessidades emocionais da criança; (2) efeito de base segura, que avalia o grau em que a criança se sente confiante para explorar o meio sabendo que a figura de vinculação está disponível para dar apoio quando necessário; e (3) protesto com a separação, que indica o grau em que a separação física da figura de vinculação produz ansiedade e protesto na criança (Freeman & Bradford Brown, 2001).

Através dos seus estudos, Ainsworth distingue entre crianças com padrões de vinculação seguro e inseguros, consoante a sua capacidade para gerir a

distância/proximidade relativamente à figura de vinculação (Ainsworth, 1985; Bowlby, 1986; Machado, 2007).

A vinculação segura é aquela em que a criança consegue explorar e utiliza a figura de vinculação como base segura, recorrendo a esta em momentos de perigo ou ansiedade (Ainsworth, 1985; Machado, 2007). As mães destas crianças são responsivas e acessíveis, correspondendo aos seus sinais adequadamente (Ainsworth, 1985). Por outro lado, na vinculação insegura, a criança não apresenta um comportamento de exploração, mostrando-se desamparada e desorientada na ausência da mãe (Ainsworth, 1985). As mães de crianças inseguras são, geralmente, menos responsivas aos seus sinais e comunicações fazendo com que desenvolvam uma vinculação ansiosa (Ainsworth, 1985).

Dentro do padrão inseguro são, ainda, distinguidos dois tipos de vinculação: evitante e ansioso/ambivalente. Crianças com estilo de vinculação inseguro evitante, na situação estranha, mostram-se pouco perturbadas com a separação, exploram o meio e demonstram-se pouco afetuosos em relação à figura de vinculação, evitando-a (Ainsworth, 1985). De um modo geral, a criança evitante minimiza a expressão de emoções negativas na presença da sua figura de vinculação, que não se mostra disponível para ela, sendo rejeitante e negligente (Machado, 2007; van Ijzendoorn, Schuengel & Bakermans-Kranenburg, 1999). Crianças com estilo de vinculação ansioso/ambivalente, na situação estranha, reagem às separações da figura de vinculação e à presença do estranho de forma bastante perturbada e são difíceis de consolar (Ainsworth, 1985). Neste sentido, as crianças ansiosas/ambivalentes têm tendência a maximizar a expressão de emoções negativas de modo a captar a atenção das suas figuras de vinculação, que se demonstram inconsistentes nas suas respostas (Machado, 2007; van Ijzendoorn et al., 1999).

Um quarto tipo de vinculação, desorganizado/desorientado, foi definido por Main e Solomon (1986, citado em van Ijzendoorn et al., 1999), para classificar alguns casos de crianças vítimas de abusos ou negligência ou cujos pais estão em luto (van Ijzendoorn et al., 1999). Crianças desorganizadas apresentam comportamentos contraditórios, desorientados e estereotipados, movimentos incompletos ou interrompidos, apreensão e indicação direta de medo dos pais (van Ijzendoorn et al., 1999). Estes comportamentos surgem devido ao facto de a figura de vinculação, que

deveria ser uma fonte de conforto e segurança, ter um comportamento imprevisível e/ou abusivo (van Ijzendoorn et al., 1999). A vinculação desorganizada é considerada o maior fator de risco no desenvolvimento de psicopatologia da criança (van Ijzendoorn, 1999).

1.3.1 Vinculação na adolescência

De acordo com a teoria da vinculação, as relações de vinculação mantêm-se importantes ao longo da vida, existindo sempre uma figura de vinculação principal, que funciona como um recurso de segurança emocional em situações adversas (Freeman & Bradford Brown, 2001). Durante a infância, essa figura de vinculação principal é, normalmente, a mãe (Freeman & Bradford Brown, 2001), ainda que a partir do segundo ano de vida passem a existir mais figuras de vinculação (Machado, 2007). Segundo Bowlby (1977, citado em Bartholomew, 1997), nesse período, os indivíduos internalizam as suas experiências com os prestadores de cuidados, formando modelos de trabalho das relações íntimas (Bartholomew, 1997). Os modelos internos são utilizados para prever a disponibilidade e responsividade do outro para responder às suas necessidades de apoio, e tendem a servir de protótipo para as relações sociais posteriores (Bartholomew, 1997; Bastos & Costa, 2005; Machado, 2007). Na adolescência, com o surgimento de novas necessidades de intimidade e sociais e a aquisição de novas capacidades cognitivas, surge um dilema relacionado com exploração dos novos papéis sociais e a manutenção da relação com os pais (Machado, 2007; Moretti & Peled, 2004). O sistema de vinculação torna-se mais maduro, havendo uma desativação progressiva dos comportamentos de vinculação dirigidos às figuras de vinculação que dá lugar à utilização dos modelos internos, ou seja, da representação da disponibilidade das mesmas (Bowlby, 1982 citado em Freitas, Correia, Santos, Ribeiro & Fernandes, 2008).

Na adolescência, a função da vinculação dos pais é posta em causa, embora continuem com um papel preponderante no desenvolvimento do adolescente (Machado, 2007). Assiste-se, por isso, a um aumento dos conflitos na relação pais-filho, percecionados como menos apoiantes e, conseqüentemente, um aumento do recurso aos

pares como fontes de segurança (Nickerson & Nagle, 2004; Paikoff & Brooks-Gunn, 1991). A procura de autonomia relativamente aos pais funciona como facilitador da transferência das relações de vinculação para os pares, ainda que estas não funcionem como substitutos dos pais (Bastos & Costa, 2005). A relação do adolescente com os pais modifica-se no sentido em que deixa de representar uma posição hierárquica de complementaridade e passa a uma relação de reciprocidade, na qual o adolescente recebe e oferece segurança e apoio (Bastos & Costa, 2005).

Dadas as alterações que ocorrem a nível das relações interpessoais e de intimidade, na adolescência, vários autores conceptualizaram modelos de vinculação adulta (Bartholomew e Horowitz, 1991; Hazan & Shaver, 1987; Main, Kaplan & Cassidy, 1985, citado em Bartholomew, 1997). Neste sentido, Bartholomew e Horowitz (1991) propõem um modelo de vinculação adulta, que conceptualiza a vinculação nas relações íntimas com base na análise conceptual dos modelos internos do *self* e do outro de Bowlby (1969; Bartholomew e Horowitz, 1991).

O modelo de vinculação adulta conta com quatro padrões de vinculação que resultam da intersecção dos modelos de trabalho internos que os adultos têm acerca do *self* e dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991). O modelo interno do *self* é dicotomizado como positivo, quando o *self* é visto como merecedor de suporte e competente, ou negativo, quando o *self* é visto como não merecedor (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991). O modelo interno dos outros é, igualmente, dicotomizado como positivo, quando os outros são vistos como disponíveis, responsivos e confiáveis, ou negativo, quando os outros são vistos como indisponíveis e rejeitantes (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991). Os quatro padrões de vinculação são: seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado.

Indivíduos com padrão de vinculação seguro têm um modelo positivo do *self* e do outro. Na infância, tiveram uma figura de vinculação disponível, responsiva e afetuosa, que os permitiu desenvolver um sentimento de autoestima e confiança nos outros. Neste sentido, são indivíduos autónomos e capazes de estabelecer e manter relações de intimidade, mantendo níveis de envolvimento adequados (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991).

O padrão de vinculação preocupado advém de uma relação primária pautada por uma prestação de cuidados inconsistente acompanhada por mensagens parentais de devoção, que fomentaram a criação de um modelo negativo do *self* e positivo dos outros. Na infância, os indivíduos dispunham de motivação e confiança para explorar apenas com a aprovação e na presença das figuras de vinculação. Neste sentido, os indivíduos preocupados continuam excessivamente dependentes na idade adulta, procurando ativamente o outro na tentativa de satisfazer as suas necessidades. Além disso, são indivíduos que expressam um hiperenvolvimento, com elevada expressão emocional e autorrevelação nas relações de intimidade (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991).

O padrão de vinculação desinvestido caracteriza-se por um modelo positivo do *self* e um modelo negativo dos outros. Na infância, os esforços para obter suporte e cuidados, por parte das figuras de vinculação foram rejeitados, o que fez com que os indivíduos criassem representações internas negativas dos outros. Assim, os indivíduos desinvestidos têm uma elevada autoconfiança e autossuficiência emocional, que se associa a uma repressão da expressividade emocional e à desvalorização e evitamento de relações íntimas (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991; Freeman & Bradford Brown, 2001).

Por fim, os indivíduos amedrontados têm um modelo negativo quer do *self* como dos outros. Na infância, os padrões de interação dos prestadores de cuidados foram desorganizados, alternando entre respostas ansiosas e evitantes, o que levou os indivíduos a evitar relações de intimidade para se protegerem contra a possibilidade rejeição dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991). Indivíduos amedrontados possuem baixa autoestima e são excessivamente inseguros, comportando motivações ambivalentes de desejo e temor relativamente à intimidade (Bastos & Costa, 2005).

A transição saudável para a idade adulta é facilitada pela existência de uma vinculação segura aos pais (Ryan & Lunch, 1989, citado em Moretti & Peled, 2004). Este tipo de vinculação permite que os adolescentes se sintam compreendidos pelos pais, sentindo-se seguros mesmo na sua ausência (Moretti & Peled, 2004). Assim, têm capacidade para explorar, o que permite a sua individuação gradual e o desenvolvimento normal das novas competências cognitivas, sociais e emocionais (Allen et al., 2003; Moretti & Peled, 2004).

1.3.2 Vinculação e Solidão

A solidão na adolescência é considerada uma experiência normativa, dada a aquisição de autonomia, individuação e novas necessidades sociais e de intimidade (Brennan, 1982; Sippola & Bukowski, 1999). A vinculação é apontada como um dos fatores que prepondera na experiência de solidão, na medida em que os modelos internos de vinculação aos pais são generalizados a outros tipos de relação, influenciando-os (Bastos & Costa, 2005; Rubestein e Shaver, 1982). Estes modelos internos de si e dos outros definem a segurança ou insegurança do indivíduo nas suas relações de vinculação (Bartholomew & Horowitz, 1991). Um modelo negativo do *self* pode levar o indivíduo a considerar-se incapaz de suscitar amor ou de ser valorizado pelos outros, dando origem a sentimentos de solidão (Bastos & Costa, 2005). Assim como um modelo negativo do outro, pode levar o indivíduo a encará-lo como rejeitante ou indisponível para satisfazer as suas necessidades sociais e de intimidade, gerando solidão (Bastos & Costa, 2005).

Os padrões de vinculação, por serem definidos com base nos modelos internos do *self* e dos outros, influenciam diretamente a experiência de solidão. Adolescentes com padrão de vinculação seguro têm um modelo positivo do *self* e dos outros, tendo capacidade para estabelecer relações de intimidade, sentindo menos solidão (Bastos & Costa, 2005). Além disso, para os adolescentes seguros, a capacidade de “estar só” é encarada de forma positiva, na medida em que permite a construção sólida da sua identidade pessoal e autónoma (Bastos & Costa, 2005). No entanto, indivíduos com padrão de vinculação inseguro (preocupado, desinvestido e amedrontado) encontram-se mais vulneráveis à solidão, dada a sua dificuldade em manter relações próximas (Rubestein & Shaver, 1982). Nestas situações, a solidão torna-se persistente devido à perceção de uma discrepância entre as necessidades e dos desejos sociais e de intimidade e a incapacidade de os satisfazer (Lasgaard & Elklit, 2009; Perlman & Peplau, 1982; Rubestein e Shaver, 1982; Sullivan 1953, citado em Peplau & Perlman, 1982).

A relação entre a vinculação insegura e a solidão em adolescentes e jovens adultos tem sido objeto de estudo em várias investigações, que utilizam medidas multidimensionais de solidão, onde se tem verificado a sua correlação positiva (Bastos

& Costa, 2005; DiTommaso, 1997; Goossens, Marcoen, van Hees, van de Woestijne, 1998). O estudo de DiTommaso (1997) avaliou a relação entre os padrões de vinculação e a solidão social, romântica e familiar em mulheres, esposas de membros das Forças Canadianas. Os resultados deste estudo indicaram que níveis elevados de vinculação segura e amedrontada estavam associados a menores níveis de solidão social, romântica e familiar (DiTommaso, 1997).

A investigação realizada por Goossens et. al. (1998) avaliou a associação entre a vinculação aos pais (segundo o modelo de DeWaffel citado em Goossens et. al., 1998) a solidão em relação aos pais e aos pares e a atitude assumida por adolescentes relativamente ao “estar só”. Os resultados indicam que adolescentes com um padrão de vinculação seguro experienciam menores níveis de solidão na relação com os pais e os pares. Relativamente à solidão, os adolescentes ansiosos/ambivalentes e evitantes são os que a encaram de forma mais positiva e os dependentes são os que experienciam maior aversão. Os adolescentes dependentes ocuparam uma posição intermédia entre a vinculação segura e os dois outros grupos inseguros quanto à solidão relacionado com os pares e à afinidade à solidão (Goossens et. al., 1998).

O estudo de Bastos e Costa (2005) incidiu sobre a análise da relação entre a vinculação aos pais e ao par amoroso e os sentimentos de solidão em cada contexto relacional e a atitude face ao “estar só”, em jovens universitários. Os resultados indicam que o tipo de vinculação aos pais está associado à experiência de solidão romântica, sendo que indivíduos amedrontados ou desinvestidos tendem a isolar-se mais e a evitar relações de intimidade. Relativamente à solidão parental, são os indivíduos preocupados que apresentam menores resultados, enquanto os indivíduos desinvestidos evidenciam maiores níveis. Em termos de solidão, os indivíduos preocupados demonstraram-se os mais aversivos, enquanto os desinvestidos evidenciaram maior afinidade, sendo que os desinvestidos demonstraram elevados resultados quer na aversão como na afinidade ao “estar só”.

2. Objetivos e hipóteses

A presente investigação pretende contribuir para a compreensão da forma como o adolescente experiencia a solidão nas suas várias dimensões relacionais (relação com os pais, os pares e o par romântico) e o significado que atribui à experiência de estar só (aversão e afinidade à solidude). Assim, pretende-se perceber a relação entre a forma como o adolescente percebe e experiencia a solidão e o padrão de vinculação (seguro, preocupado, desinvestido ou amedrontado) apresentado relativamente aos seus pais.

Desta forma, foi estabelecida como variável dependente a solidão (nas relações com os pais, os pares e o par amoroso e atitude face à solidude – afinidade ou aversão) e como variáveis independentes o padrão de vinculação relativamente aos pais, idade, género e estado civil dos pais.

Objetivo geral: Compreender a experiência de solidão vivenciada pelos adolescentes nas relações com os pais, os pares e o par amoroso e o significado que atribui à experiência de estar só, na sua relação com o padrão de vinculação apresentado face aos pais.

Objetivo específico 1: Caracterizar a experiência de solidão na relação com os pais, os pares e o par amoroso e a capacidade de estar só dos adolescentes.

Hipótese 1: Os resultados encontrados no que respeita à solidão na relação com os pais e com o par amoroso são superiores aos encontrados na solidão vivenciada com os pares.

Hipótese 2: Os resultados encontrados no que respeita à aversão à solidude são superiores aos encontrados afinidade à solidude.

Objetivo específico 2: Analisar a experiência de solidão nas suas várias dimensões e a capacidade de estar só dos adolescentes em função do género, da idade e do estado civil dos pais.

Hipótese 3: Existem diferenças significativas quanto à experiência de solidão na relação com os pares em função do gênero dos participantes, sendo esta mais elevada nos adolescentes do gênero feminino.

Hipótese 4: Existem diferenças significativas quanto à capacidade de estar só em função da idade, sendo que os resultados encontrados no que respeita à aversão à solidão são mais elevados nos adolescentes mais novos.

Hipótese 5: Existem diferenças significativas quanto à experiência de solidão na relação com os pais em função do estado civil dos pais, sendo esta mais elevada nos adolescentes cujos pais estão divorciados.

Objetivo específico 3: Analisar as diferenças na experiência da solidão nas suas várias dimensões e no significado que lhe é atribuído em função da distribuição dos padrões de vinculação aos pais

Hipótese 6: O padrão de vinculação seguro está associado a uma menor experiência de solidão nas suas diferentes dimensões.

Hipótese 7: Os padrões de vinculação seguro e desinvestido estão associados a uma maior afinidade à solidão.

Hipótese 8: O padrão de vinculação preocupado está associado a uma menor solidão na relação com os pais e com o par amoroso, bem como a uma maior aversão à solidão.

Hipótese 9: O padrão de vinculação amedrontado está associado a uma maior experiência de solidão relativamente aos pares e ao par romântico.

3. Metodologia

3.1. Participantes

A amostra desta investigação é constituída por adolescentes entre os 14 e os 18 anos. A recolha dos dados decorreu numa escola pública situada no distrito de Leiria, a Escola Secundária de Peniche.

3.1.2. Caracterização sociodemográfica da amostra

A presente investigação contou com a participação de 122 alunos de uma escola secundária da zona de Leiria. A média de idades da amostra é 17.15 e desvio padrão de 1.018, sendo que a idade mínima é de 14 anos e a idade máxima de 18 anos.

Do total da amostra de participantes, 91 são do género feminino e 21 são do género masculino, correspondendo a 74.6% e 25.4%, respetivamente.

No que diz respeito à escolaridade, a maioria dos participantes encontra-se no 12ºano (38.5%) e no 11ºano (33.6%), sendo que no 10ºano se encontra 25.4% da amostra e no 9ºano apenas 2.5%.

Quanto ao agregado familiar, a maioria dos adolescentes é proveniente de famílias intactas, sendo que 56.6% vive com ambos os pais. Relativamente aos que não vivem com os pais, 31.1% vive apenas com a mãe, 4.1% vive só com o pai e 8.2% encontra-se numa outra situação não especificada.

Na tabela 1 apresentam-se as frequências das variáveis sociodemográficas da amostra.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica da amostra

Caraterísticas	N	%
Género (n=122)		
Feminino	91	74.6
Masculino	31	25.4
Idade (n=122)		
14 anos	4	3.3
15 anos	3	2.5
16 anos	22	18.0
17 anos	35	28.7
18 anos	58	47.5
Agregado familiar (n=122)		
Vive com ambos os pais	69	56.6
Vive só com a mãe	38	31.1
Vive só com o pai	5	4.1
Outra situação não especificada	10	8.2
Estado civil dos pais (n=122)		
Divorciado	36	29.5
Não divorciado	86	70.5

3.2. Instrumentos de medida

Nesta investigação, de forma a estudar a perceção da experiência de solidão sentida pelos adolescentes na relação com pais, pares e o par romântico e a forma como é vivida a experiência de “estar só” (afinidade e aversão à solidude), foi utilizado o *Questionário de Avaliação da Solidão* desenvolvido por Bastos (2005). Para análise dos padrões de vinculação foi utilizado o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*, desenvolvido por Matos e Gouveia (1998). De forma complementar, foi realizado também um questionário para a caracterização da população onde foram recolhidos os dados sociodemográficos da amostra.

3.2.1. Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico¹ permite a caracterização da amostra através da recolha de dados relativos aos adolescentes como o género, a idade e o estado civil dos pais.

A identidade dos participantes não é solicitada, sendo a recolha de dados anónima e confidencial.

3.2.2. Questionário de Avaliação da Solidão

O *Questionário de Avaliação da Solidão*² (Bastos, 2005) é um instrumento de autorrelato, que resultou da conjugação da *Louvain Loneliness and Aloneness scale for Children and Adolescents* (LACA; Marcoen, Goossens & Caes, 1987) e a *Social and Emotional Loneliness Scale for Adults* (SELSA; DiTommaso & Spinner, 1997 citado em Bastos, 2005), sendo constituída por 60 itens divididos em 5 subescalas. Estas subescalas avaliam a solidão na relação romântica (S-Romântica), a solidão na relação com os pais (S-Pais), a solidão na relação com os pares (S-Pares), a afinidade à solidude (Afinidade) e a aversão à solidude (Solidude). A subescala que avalia a solidão romântica integrava a escala SELSA e as quatro restantes a LACA.

A solidão na relação romântica (S-Romântica, 12 itens) avalia a percepção de solidão na relação amorosa, derivada da inexistência da mesma ou da sua não correspondência aos critérios de proximidade afetiva e intimidade desejados pelo sujeito. A solidão na relação com os pais (S-Pais, 12 itens) resulta da percepção de défices na relação parental, na satisfação de necessidades de proximidade emocional, afetiva ou de orientação pessoal. A solidão na relação com os pares (S-Pares, 12 itens) deriva de défices (qualitativos e quantitativos) na rede de relações sociais dos sujeitos. A afinidade à solidude (Afinidade, 11 itens) permite perceber a percepção de sentimentos positivos na solidude, associados a um desejo genuíno de estar só ou a uma vontade de querer isolar-se dos outros. A aversão à solidude (Aversão, 12 itens) avalia a existência de atitudes negativas face à solidude, implica o medo de estar só ou a sensação de mal-estar na ausência da companhia de outras pessoas.

¹ Anexo I

² Anexo II

As qualidades psicométricas do instrumento suportam a sua validade, indicando uma elevada consistência interna nas cinco subescalas (coeficiente alfa de Cronbach entre 0.81 e 0.95; Bastos, 2005). Na presente investigação,

Neste instrumento, os participantes respondem a uma escala de *Likert* de cinco pontos, que varia de “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente” (Bastos, 2005). Os resultados elevados numa subescala estarão associados a níveis de solidão mais elevados nas relações com os pais, os pares e/ou o par romântico ou quanto às atitudes relativamente à solidão, aversão ou afinidade.

3.2.3. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

O *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*³ (QVPM, Gouveia & Matos, 2011) é um instrumento de autorrelato que permite avaliar as perceções que os adolescentes e os jovens adultos têm da sua relação de vinculação aos pais, separadamente. Este questionário é constituído por 30 itens que se baseiam nas contribuições teóricas de Bowlby (1969) e Ainsworth (1985) relativamente à vinculação, e na proposta bidimensional de avaliação da vinculação no adulto proposta por Bartholomew e Horowitz (1991). O QVPM mede três dimensões relativas á relação de vinculação com cada uma das figuras parentais, nomeadamente a qualidade do laço emocional, a ansiedade de separação e inibição da exploração e individualidade, cada uma composta por 10 itens.

A qualidade do laço emocional avalia a importância das figuras parentais enquanto figuras de vinculação, percebidas pelo indivíduo como fundamentais e únicas para o seu desenvolvimento, a quem este recorre em situações de dificuldade e com quem projeta uma relação duradoura. A ansiedade de separação estima a perceção das experiências de ansiedade e medo de separação da figura parental de vinculação, reveladores de uma relação de dependência. A inibição da exploração e individualidade avalia a perceção das restrições à expressão da individualidade própria, exteriorizadas por dificuldades sentidas na manifestação de opiniões divergentes das figuras parentais, pela ausência de apoio a iniciativas de exploração ou pela interferência em questões pessoais do sujeito.

³ Anexo III

Neste instrumento, os participantes respondem a uma escala de *Likert* de seis pontos, que varia de “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente”, consoante a forma como se sentem na relação com cada um dos seus progenitores no momento actual (Gouveia & Matos, 2011).

Os valores das várias dimensões estão, assim, organizados de forma a traduzirem os quatro padrões de vinculação de Bartholomew (seguro, desinvestido, preocupado e amedrontado; Bartholomew & Horowitz, 1991). Deste modo, o padrão de vinculação seguro é definido por valores elevados de qualidade do laço emocional e por valores reduzidos de ansiedade de separação e inibição da exploração e individualidade. O padrão desinvestido caracteriza-se por valores elevados de inibição da exploração e individualidade e valores reduzidos de qualidade do laço emocional e de ansiedade de separação. O padrão preocupado apresenta-se com valores elevados de ansiedade de separação e qualidade do laço emocional e valores baixos de inibição da exploração e individualidade. Por fim, o padrão amedrontado caracteriza-se por valores elevados de ansiedade de separação e inibição da exploração e individualidade.

As qualidades psicométricas do instrumento suportam a sua validade, indicando uma consistência interna (alfa de Cronbach) adequada nas três dimensões, quer para a versão mãe (entre 0.76 e 0.92; Gouveia & Matos, 2011), quer para a versão pai (entre 0.78 e 0.95; Gouveia & Matos, 2011).

3.3. Procedimentos de recolha e análise de resultados

A aplicação dos questionários decorreu no mês de Junho de 2014 em turmas do 9º, 10º, 11º e 12º ano, numa escola do distrito de Leiria, após a devida autorização pela Direcção-Geral da Educação e pelo Conselho Diretivo da respetiva escola.

Para efetivar a aplicação dos questionários, foi previamente solicitada a autorização aos encarregados de educação⁴ dos participantes, por escrito. No momento da aplicação, foi reforçado o carácter anónimo, confidencial e voluntário da participação dos adolescentes.

Desta forma, foram aplicados três questionários (Questionário Sociodemográfico, Questionário de Avaliação da Solidão e Questionário de Vinculação

⁴ Anexo IV

ao Pai e à Mãe) com duração de cerca de 30 minutos, em contexto de sala de aula mediante a presença da investigadora.

Para a análise dos dados recolhidos foi utilizado o programa estatístico IBM SPSS Statistics 22.

Em primeiro lugar, foi elaborado o cálculo dos coeficientes de Alpha de Cronbach com o objetivo de determinar a consistência interna de cada um dos instrumentos utilizados (Questionário de Avaliação da Solidão e Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe).

Para a análise dos dados obtidos, foi utilizada uma estatística descritiva composta por média, desvio-padrão, valores mínimos e máximos, bem como o cálculo de frequências e percentagens tendo em conta a natureza das variáveis.

Para determinar a normalidade das distribuições e homogeneidade das variâncias foram utilizados os testes de *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*. Uma vez que os grupos não seguiam os pressupostos de normalidade e/ou homogeneidade, recorreu-se aos testes não-paramétricos para amostras independentes de *Mann-Whitney* (para analisar as diferenças entre duas amostras independentes) e *Kruskal-Wallis* (para analisar as diferenças entre mais do que duas amostras independentes).

No sentido de avaliar a existência de configurações específicas na organização das dimensões do QVPM, segundo o modelo bidimensional de Bartholomew (1990, Bartholomew & Horowitz, 1991), foi realizada uma análise de clusters constituída por dois passos, para a vinculação relativa ao pai e à mãe. Primeiramente, foi realizada uma análise de clusters hierárquica, utilizando-se o método *Ward* e o quadrado da distância euclidiana, para verificar quantos grupos estariam evidenciados. Em seguida, foi realizada uma análise de clusters *K-means*, sucedida de uma análise de variância multivariada e testes *Post hoc*, nomeadamente o Teste *Tukey*, com o intuito de avaliar as diferenças existentes entre cada configuração de cluster e legitimar as classificações efetuadas.

Foram realizados, ainda, testes não-paramétricos para amostras independentes de *Kruskal-Wallis* e *Mann-Whitney* para analisar as diferenças na experiência de solidão

nas suas várias dimensões e o significado que lhe é atribuído em função da distribuição dos padrões de vinculação aos pais.

Por fim, foi realizada uma análise correlacional entre os resultados obtidos nas subescalas de vinculação e as subescalas de solidão através de uma medida de associação não-paramétrica bivariada, o Coeficiente de Correlação de *Spearman*.

4.Resultados

4.1. Caracterização dos resultados do Questionário de Avaliação da Solidão

4.1.1 Estatística descritiva e análise das diferenças

Como referimos anteriormente, a *escala de Avaliação da Solidão* é constituída por 60 itens divididos em 5 subescalas com 12 itens cada. Estas escalas avaliam a solidão em relação aos pais (S-Pais), a solidão na relação com os pares (S-Pares), a solidão na relação romântica (S-Romântica), a aversão à solidude (Aversão) e a afinidade à solidude (Afinidade). Os resultados relativos a S_Pais, S_Pares, S_Romantica, Aversão e Afinidade, encontram-se na tabela 2, no qual podem ser verificadas as médias, desvios-padrão e os valores mínimos e máximos das subescalas.

Tabela 2. Médias, Desvio Padrão, Mínimos e Máximos das médias das subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão

Solidão	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
S_Pais	122	1	5	2.23	.640
S_Pares	122	1	4	1.96	.696
S_Romântica	122	1	4	2.71	.763
Aversão	122	1	5	2.96	.534
Afinidade	122	2	5	3.08	.501
N válido (de lista)	122				

Através da tabela 2, podemos contatar que a subescala da solidão na relação com o par romântico encontra-se mais elevada que as restantes com uma média de 2.71 e desvio padrão de 0.763, seguida da solidão na relação com os pais com uma média de 2.23 e desvio padrão 0.640. Desta forma, a amostra revela maiores défices na relação com o par romântico devido à inexistência da mesma ou da sua não correspondência aos critérios de proximidade afetiva e intimidade desejados pelo sujeito (DiTommaso & Spinner, 1997 citado em Bastos, 2005). Revela, também, défices na relação parental quanto à capacidade de corresponder às necessidades de proximidade emocional, afeto ou segurança Marcoen, Goosens & Caes, 1987). A escala de afinidade à solidude

apresenta valores superiores à subescala de aversão à solidão, sendo apresentadas médias de 3.08 e 2.96, respetivamente. Nos dados recolhidos, a subescala referente à solidão na relação com os pares é a que apresenta a média mais baixa (M= 1.96).

Os resultados obtidos nas dimensões avaliadas pelo Questionário de Avaliação da Solidão foram relacionadas com o género dos participantes através do teste não-paramétrico de *Mann-Whitney*, uma vez que não foram cumpridos os pressupostos da normalidade e/ou homogeneidade das variâncias ($p < .05$, através do teste Kolmogorov-Smirnov), no qual se utilizou uma probabilidade de erro tipo I de $\alpha = 0.05$.

Na análise das diferenças das médias relativamente às subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão constatou-se existirem diferenças estatisticamente significativas em função da variável género quanto à solidão na relação com os pares nos adolescentes do género feminino ($U = 1062.0$; $W = 1558.0$; $p = .04$). Assim, as raparigas apresentam resultados significativamente mais elevados do que os rapazes no que diz respeito à solidão na relação com os pares. No entanto, estes resultados devem ser interpretados com algumas reservas dadas as diferenças existentes no tamanho das amostras, conforme se pode observar na tabela 3.

Tabela 3. Resultados relativos ao teste *Mann-Whitney* para a variável género em função das subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão

Subescalas Solidão	Feminino (n=91)	Masculino (n=31)	U	Z
	Média das ordens	Média das ordens		
S_Pais	60.99	62.98	1364.5	-.271
S_Pares	65.33	50.26	1062.0	-2.052*
S_Romântica	62.56	58.39	1214.0	-.568
Aversão	64.08	53.94	1176.0	-1.381
Afinidade	61.10	62.68	1374.0	-.215

* $p \leq .05$

Os resultados obtidos nas dimensões avaliadas pelo Questionário de Avaliação da Solidão foram relacionados com a idade dos participantes através do teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*. A variável foi dividida em 3 grupos tendo em conta as tarefas desenvolvimentais da adolescência. Neste sentido, o primeiro grupo correspondente aos adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos, o segundo

correspondente aos adolescentes com 17 anos de idade e o terceiro correspondente aos adolescentes com 18 anos. Os resultados apurados revelam a existência de diferenças estatisticamente significativas quanto à experiência de solidão na relação romântica em função da variável idade dos participantes ($X^2=4,233$; $p=.037$), sendo que o grupo etário dos 14 aos 16 anos é o que apresenta maiores resultados de solidão romântica.

Tabela 4. Resultados relativos ao teste *Kruskal-Wallis* para a variável idade em função das subescalas do Questionário de Avaliação à Solidão

Subescalas Solidão	14-16 anos (n=29)	17 anos (n=35)	18 anos (n=58)	X ²
	Média das ordens	Média das ordens	Média das ordens	
S_Pais	55,84	60,09	65,18	1,430
S_Pares	57,16	63,17	62,66	,580
S_Romântica	73,02	55,84	59,16	4,233*
Aversão	63,40	66,00	57,84	1,277
Afinidade	59,98	66,90	59,00	1,164

* $p \leq .05$

Os resultados obtidos nas dimensões avaliadas pelo Questionário de Avaliação da Solidão foram relacionados com o estado civil dos pais dos participantes através do teste não-paramétrico de *Mann-Whitney*, conforme a tabela 5. A variável foi dividida em 2 grupos, o primeiro grupo correspondente aos adolescentes cujos pais estão divorciados e o segundo grupo correspondente aos adolescentes cujos pais não estão divorciados.

Tabela 5. Resultados relativos ao teste *Mann-Whitney* para a variável estado civil dos pais em função das subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão

Subescalas Solidão	Pais Divorciados (n=36)	Pais Não-Divorciados (n=86)	U	Z
	Média das ordens	Média das ordens		
S_Pais	75.90	55.47	1029.5	-2.915*
S_Pares	59.71	62.25	1483.5	-.363
S_Romântica	53.76	64.74	1269.5	-1.565
Aversão	57.68	63.10	1410.5	-.773
Afinidade	59.81	62.21	1487.0	-.343

* $p \leq .05$

Conforme se pode observar na tabela 5, na análise das diferenças das médias relativamente às subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão constatou-se existirem diferenças estatisticamente significativas em função da variável estado civil dos pais quanto à solidão na relação com os pais nos adolescentes cujos pais estão divorciados ($U=1029.5$; $W=4770.5$; $p=.004$). Assim, os adolescentes cujos pais estão divorciados apresentam resultados significativamente mais elevados do que os que vivem com ambos os pais no que diz respeito à solidão na relação com os pais. No entanto, estes resultados devem ser interpretados com algumas reservas dadas as diferenças existentes no tamanho das amostras.

4.2. Caracterização dos resultados do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

4.2.1 Estatística descritiva e análise das diferenças

Como referimos anteriormente, a *escala de Vinculação ao Pai e à Mãe* é constituída por 30 itens divididos em 3 subescalas com 10 itens cada, que determinam o padrão de vinculação aos pais, separadamente. Estas escalas avaliam a Qualidade do Laço Emocional (QLE), a Inibição e Exploração da Individualidade (IEI) e a Ansiedade de Separação (AS). Os resultados relativos a QLE, IEI e AS para o Pai e para a Mãe, encontram-se na tabela 6 onde podem ser verificadas as médias, desvios-padrão e os valores mínimos e máximos das subescalas.

Tabela 6. Médias, Desvio Padrão, Mínimos e Máximos das médias das subescalas do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

Dimensões	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
QVPM					
<i>Pai</i>					
QLE	122	1	6	4.61	1.389
IEI	122	1	5.8	3.11	1.073
AS	122	1	5.7	3.50	1,222
<i>Mãe</i>					
QLE	122	1	6	5.26	.840
IEI	122	1	5.5	3.16	.871
AS	122	1	6	4.03	1.041

* $p \leq .05$

Através na tabela 6, podemos observar que as subescalas referentes à relação com a Mãe apresentam valores mais elevados do que as subescalas referentes à relação com o Pai. Além disso, a subescala referente à qualidade do laço emocional é a que apresenta valores médios mais elevado quer na relação com o Pai como na relação com a Mãe. Assim como a subescala de inibição da exploração e da individualidade é a que apresenta valores mais baixos na vinculação aos pais.

De forma a proceder à caracterização dos resultados relativos ao QVPM em função das variáveis sociodemográficas, realizou-se uma análise que visava verificar se os pressupostos da normalidade e/ou homogeneidade das variâncias eram cumpridos. Para tal, foi utilizado o teste *Kolmogorov-Smirnov* com uma probabilidade de erro tipo I de $\alpha = 0.05$, tendo sido verificado que os pressupostos definidos não eram cumpridos.

Neste sentido, foi utilizado o teste *Mann-Whitney*⁵ para proceder à análise das diferenças das médias das dimensões do QVPM em função do género dos participantes, na qual não se verificaram diferenças estatisticamente significativas.

As diferenças das médias das dimensões do QVPM em função da idade dos participantes foram analisadas através do teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*. A variável foi dividida em 3 grupos tendo em conta as tarefas desenvolvimentais da adolescência. Neste sentido, o primeiro grupo correspondente aos adolescentes com idades entre os 14 e os 16 anos, o segundo correspondente aos adolescentes com 17 anos de idade e o terceiro correspondente aos adolescentes com 18 anos. Os resultados apurados revelam que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função da variável idade dos participantes. No entanto, estes resultados devem ser interpretados com algumas reservas dadas as diferenças existentes no tamanho das amostras.

Na análise das diferenças das médias das dimensões do QVPM em função do estado civil dos pais dos participantes, na qual foi utilizado o teste *Mann-Whitney*⁶ verifica-se a existência de diferenças estatisticamente significativas. Neste sentido, as dimensões da qualidade do laço emocional ($U=707.5$; $W=1373.5$; $p=.000$) e da ansiedade de separação ($U=998.0$; $W=1664.0$; $p=.002$) em relação ao Pai apresentam diferenças significativas, sendo que valores mais elevados são apresentados pelos adolescentes cujos pais não estão divorciados. Diferenças significativas são também

⁵ Anexo V

⁶ Anexo VI

apresentadas quanto à inibição da exploração e individualidade relativa à vinculação à Mãe ($U=1168,0$; $W=1834,0$; $p=.033$), sendo que valores mais elevados se verificam nos adolescentes cujos pais não estão divorciados.

4.2.2 Análise de clusters

No sentido de avaliar em que medida os padrões dos resultados que definem os diferentes clusters são consistentes com o modelo bidimensional de Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991), foi realizada uma análise de clusters, separadamente para a vinculação ao Pai e para a vinculação à Mãe. Neste sentido, foi realizada uma análise de clusters hierárquica para especificar os centróides que serviram para a criação dos clusters realizada posteriormente, através da análise de clusters não-hierárquica *K-means*. Após a obtenção dos clusters procedeu-se à leitura dos seus valores de acordo com os quatro padrões de vinculação estabelecidos por Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991). No entanto, verificou-se a emergência de um padrão que não correspondia a nenhum dos protótipos, optando-se pela criação de cinco clusters, de modo a obter os quatro protótipos de vinculação do modelo bidimensional de Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991) e individualizar o quinto grupo. Por conseguinte, foram realizadas MANOVAS com o intuito de observar a variabilidade de cada uma das dimensões em função do cluster para confirmar a correspondência com o padrão de vinculação.

Na tabela 7 podemos verificar a diferença das médias das dimensões do QVPM em função dos clusters, quer para a vinculação ao pai como para a vinculação à mãe, obtidos através da estatística multivariada *Wilks' lambda*.

Tabela 7. Médias das dimensões QVPM em função dos clusters para o Pai e para a Mãe

Dimensões QVPM	Clusters					Dif. Sig. ***
	Seguro	Preocupado	Amedrontado	Desinvestido	Desvinculado	
<i>Pai n</i>	35	33	31	13	10	
QLE	4.81	5.62	5.12	2.71	1.47	2>5; 3>5; 1>5; 2>4; 3>4; 1>4; 4>5; 2>1; 2>3
IEI	2.83	2.52	4.13	4.31	1.29	4>5; 3>5; 4>2; 3>2; 1>5; 4>1; 3>1; 2>5
AS	3.07	4.45	4.37	1.92	1.26	2>5; 3>5; 2>4; 3>4; 1>5; 2>1; 3>1; 1>4
<i>Mãe n</i>	33	49	38	1*	1*	
QLE	5.47	5.77	4.62	1.00	1.40	2>3; 1>3; 2>1
IEI	2.29	3.42	3.58	5.50	1.00	3>1; 2>1
AS	3.32	5.03	3.51	1.10	1.00	2>3; 2>1

Nota. 1- Seguro; 2-Preocupado; 3-Amedrontado; 4-Desinvestido; 5-Desvinculado *** $p \leq .05$

*Não considerados na análise devido a amostra reduzida.

Na vinculação ao pai, verificamos que existe diferença significativa entre os clusters ($Z=69.00$; $p=.000$). Neste sentido, a diferença de médias resultantes da MANOVA demonstra que o efeito da variável padrões de vinculação nas médias das dimensões de vinculação ao pai é significativo [qualidade do laço emocional ($Z=121.42$; $p=.000$); inibição da exploração e individualidade ($Z=70.62$; $p=.000$); ansiedade de separação ($Z=108.20$; $p=.000$)]. As análises *Post hoc* indicam que existe diferenças significativas nas dimensões da vinculação entre os clusters.

Na vinculação relativamente à mãe, também são verificadas diferenças significativas entre os clusters ($Z=46.69$; $p=.000$). Neste sentido, a diferença de médias resultantes da MANOVA demonstra que o efeito da variável padrões de vinculação nas médias das dimensões de vinculação à mãe é significativo [qualidade do laço emocional ($Z=82.03$; $p=.000$); inibição da exploração e individualidade ($Z=28.02$; $p=.000$);

ansiedade de separação ($Z=73.82$; $p=.000$)]. Na vinculação à mãe, foram excluídos da análise das análises *Post hoc* os clusters desinvestido e desvinculado devido ao reduzido tamanho da amostra. No entanto, verificaram-se diferenças significativas quanto às dimensões da vinculação entre os restantes clusters.

Assim, as análises revelaram, tal como esperado, um efeito principal do cluster na vinculação parental. Os resultados apontam para a possibilidade de se ler os protótipos à luz do modelo de vinculação de Bartholomew, ainda que se tenha individualizado casos que não correspondem a nenhum dos padrões, como é possível observar na tabela 7.

O primeiro cluster caracteriza-se por valores elevados de qualidade do laço emocional e por valores médios reduzidos de ansiedade de separação e inibição da exploração e individualidade, traduzindo um padrão de vinculação seguro. Indivíduos com este tipo de vinculação têm um modelo positivo do *self* e dos outros, mostrando-se capazes de obter um equilíbrio entre a sua autonomia e a dependência dos outros, mantendo relações de intimidade com níveis de envolvimento adequados (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991).

O segundo cluster parece corresponder a um padrão de vinculação preocupado, apresentando valores elevados de ansiedade de separação e qualidade do laço emocional e valores baixos de inibição da exploração e individualidade. Indivíduos com este tipo de vinculação apresentam um modelo negativo de si e positivo dos outros, demonstrando-se excessivamente dependentes, o que se traduz pela expressão de um hiperenvolvimento emocional nas suas relações (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991).

O terceiro cluster caracteriza-se por valores elevados de ansiedade de separação e inibição da exploração e individualidade, corresponde a um padrão de vinculação amedrontado. Indivíduos amedrontados possuem um modelo negativo quer de si como dos outros, possuem baixa autoestima e são excessivamente inseguros, comportando motivações ambivalentes de desejo e temor relativamente à intimidade (Bartholomew & Horowitz, 1991; Bastos & Costa, 2005).

O quarto cluster é definido por valores elevados de inibição da exploração e individualidade e valores reduzidos de qualidade do laço emocional e de ansiedade de

separação, evidenciando um padrão de vinculação desinvestido. Sujeitos com este tipo de vinculação têm uma percepção positiva de si e negativa dos outros, apresentando elevada autoconfiança e autossuficiência emocional, que se associa a uma repressão da expressividade emocional e à desvalorização e evitamento de relações íntimas (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991; Freeman & Bradford Brown, 2001).

Por fim, o quinto cluster é definido por valores baixos em todas as dimensões, não correspondendo a nenhum dos padrões estipulados por Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991). No entanto, abarca um número considerável de casos, sobretudo em relação à vinculação ao Pai, transmitindo um padrão que parece não evidenciar vinculação e, por isso, nesta investigação será denominado de desvinculado.

4.3 Análise das diferenças na experiência da solidão em função da distribuição dos padrões de vinculação aos pais

De forma a proceder à caracterização da distribuição dos padrões de vinculação na experiência e na percepção de solidão foi realizado o teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*. Os padrões de vinculação foram individualizados segundo os cinco padrões criados através da análise de clusters. Neste sentido, o primeiro grupo correspondente aos adolescentes com padrão de vinculação seguro, o segundo aos adolescentes com vinculação preocupada, o terceiro aos adolescentes com vinculação amedrontada, o quarto aos adolescentes com vinculação desinvestida e o quinto grupo corresponde aos adolescentes desvinculados. Na análise da vinculação à Mãe foram excluídos os resultados do padrão de vinculação desinvestido e do padrão desvinculado devido ao reduzido número de casos da amostra.

Analisando os resultados da tabela 8, podemos verificar as diferenças relativamente à experiência de solidão nas suas várias dimensões e ao significado que lhe é atribuído em função do padrão de vinculação apresentado pelos adolescentes relativamente ao Pai e à Mãe.

Tabela 8 Médias das diferenças da experiência de solidão em função da distribuição dos padrões de vinculação aos pais

Vinculação ao Pai						
Solidão	Seguro (n=35)	Preocupado (n=33)	Amedrontado (n=31)	Desinvestido (n=13)	Desvinculado (n=10)	X ²
S_Pais	69.67	43.68	57.90	93.46	61.30	21.247*
S_Pares	58.83	54.70	72.27	68.65	50.60	5.795
S_Romântica	61.07	52.59	67.13	64.35	71.25	3.735
Aversão	48.19	66.30	69.76	61.58	66.55	7.491
Afinidade	59.57	61.77	61.89	59.35	68.95	.604

Vinculação à Mãe				
Solidão	Seguro (n=33)	Preocupado (n=49)	Amedrontado (n=38)	X ²
S_Pais	56.97	46.47	81.66	27.576*
S_Pares	58.17	60.65	65.70	.910
S_Romântica	54.38	59.76	68.08	4.952
Aversão	54.97	74.34	50.33	15.394*
Afinidade	58.42	65.77	59.29	4.409

* $p \leq .05$

Diferenças significativas em relação à vinculação ao Pai são encontradas relativamente à solidão na relação com os Pais ($X^2=21.247$; $p=.000$). Para verificar as diferenças existentes relativamente a esta dimensão da solidão em função dos padrões de vinculação foram realizadas análises com o teste *Mann-Withney*. Os resultados revelam que os adolescentes com o padrão de vinculação desinvestido relativamente ao Pai apresentam diferenças significativas quanto à experiência de solidão na relação com os pais, revelando valores superiores comparativamente aos restantes padrões de vinculação, como se pode observar na tabela 8. Além disso, é apresentada uma diferença significativa entre o padrão de vinculação seguro e o padrão de vinculação preocupado, sendo que valores mais elevados de solidão na relação com os pais são verificados em adolescentes com vinculação segura ao Pai.

Relativamente à vinculação à Mãe, são encontradas diferenças significativas relativamente à solidão na relação com os pais ($X^2= 27.576$; $p=.000$) e relativamente à

aversão à solidão ($X^2= 15.394$; $p=.004$) em função da distribuição dos padrões de vinculação. Através dos resultados do teste *Mann-Whitney* realizado posteriormente, verificamos que, relativamente à solidão na relação com os Pais, o padrão de vinculação amedrontado difere estatisticamente dos restantes padrões em análise, apresentando valores mais elevados. Nos resultados da aversão à solidão, são apresentadas diferenças estatisticamente significativas entre o padrão de vinculação preocupado e os restantes padrões em análise, sendo que o primeiro apresenta valores mais elevados nesta dimensão.

Outras diferenças são encontradas, embora não sejam estatisticamente significativas têm importância nesta investigação.

4.4 Análise da correlação das subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão e do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

Os resultados obtidos no Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM), nomeadamente os padrões de vinculação, foram correlacionados com as subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão (QAS). Esta análise foi realizada através do Coeficiente de Correlação de *Spearman*, uma medida de associação não-paramétrica bivariada. Na tabela 9 encontram-se os resultados da análise correlacional.

Tabela 9. Matriz de correlações das subescalas do QAS e do QVPM

Subescalas QAS	Subescalas QVPM					
	Pai			Mãe		
	QLE	IEI	AS	QLE	IEI	AS
S_Pais	-.562**	.208*	.380**	-.613**	.118	-.372**
S_Pares	-.100	.146	.081	-.190*	.086	.039
S_Romântica	-.097	.134	.084	-.072	.144	-.029
Aversão	.058	.065	.220*	.096	.040	.321**
Afinidade	.070	.017	.013	.116	.007	-.002

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

Através da tabela 8, podemos observar que existem correlações estatisticamente significativas entre as várias escalas do QAS e do QVPM.

Relativamente à vinculação ao pai verifica-se a existência de correlação significativa negativa da subescala de Qualidade do Laço Emocional com a subescala de Solidão na relação com os Pais ($r=-.562$; $p=.000$) Podemos constatar também uma correlação positiva entre as subescalas de Inibição da Exploração e Individualidade e Ansiedade de Separação com a subescala de Solidão na relação com os Pais [; ($r=.208$; $p=.022$) e ($r=-.380$; $p=.000$), respetivamente]. Neste contexto, verifica-se ainda uma correlação significativa positiva entre a subescala de Ansiedade de Separação e a subescala de Aversão à Solitude do QAS ($r=.220$; $p=.015$).

Na vinculação à mãe também são apresentadas correlações estatisticamente significativas negativas das subescalas de Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação com a subescala de Solidão na relação com os Pais ($r=-.613$; $p=.000$ e $r=-.372$; $p=.000$, respetivamente). Neste contexto, é apresentada também uma correlação significativa entre a subescala de Qualidade do Laço Emocional e a subescala de Solidão na relação com os Pares do QAS ($r=-.190$; $p=.036$). Por fim, a subescala de Ansiedade de Separação correlaciona-se significativamente com a subescala de Aversão à Solitude do QAS ($r=.321$; $p=.000$).

5. Discussão

A adolescência pauta-se por múltiplas mudanças que implicam uma constante reorganização do sistema psíquico dos adolescentes (Ferreira & Nelas, 2006). A formação da identidade, o processo de separação-individuação, o desenvolvimento da autonomia e a aquisição de novas necessidades sociais e de intimidade levam os adolescentes a experimentar sentimentos de separação, perda e responsabilidade, o que aumenta a sua vulnerabilidade à solidão (Carvajal-Carrascal & Caro-Castillo, 2009; Larson, Csikszentmihalyi, & Graef, 1982).

A solidão enquanto deficiência nas relações sociais, pode ser considerada como um fenómeno multidimensional constituído pela relação com os pais, a relação com os pares e a relação com o par romântico, devido às suas características diferenciadas (Peplau & Pearlman, 1982). Enquanto vivência negativa, a solidão é considerada uma experiência persistente e dolorosa, que pode prejudicar o bem-estar psicológico dos indivíduos (Carvajal-Carrascal & Caro-Castillo, 2009; de Jong-Gierveld, 1998; McWhirter, 1990; Peplau & Pearlman, 1982). No entanto, também pode ser considerada uma experiência positiva que permite o crescimento interno e a construção da identidade pessoal e individuação dos adolescentes, sendo denominada por *solitude* (Bastos & Costa, 2005; Moustakas citado em Perlman & Peplau, 1982).

A vinculação é apontada como um dos fatores que prepondera na experiência de solidão, na medida em que os modelos internos de vinculação aos pais, determinam a segurança/insegurança que os indivíduos experienciam na generalidade das suas relações interpessoais (Bartholomew & Horowitz, 1991; Bastos & Costa, 2005; Rubenstein e Shaver, 1982).

Tal como mostrado na literatura, também os resultados desta investigação apresentam valores superiores na experiência de solidão na relação com os pais e com o par romântico e valores inferiores na experiência de solidão na relação com os pares. A aquisição de autonomia, o processo de separação-individuação e a obtenção de novas necessidades sociais e de intimidade vivenciados pelos adolescentes, implicam uma reorganização da relação estabelecida com os pais. Estas alterações exigem dos pais uma certa flexibilidade, no sentido de permitir que os adolescentes se autonomizem, mantendo-se disponíveis para os apoiar e suportar, o que nem sempre é fácil. Assim, as

alterações na relação pais-filhos podem originar, nos adolescentes, a percepção de um défice na compreensão e obtenção de apoio, segurança, orientação e satisfação de necessidades de proximidade emocional por parte dos seus pais, potenciando a experiência de solidão (Carvajal-Carrascal & Caro-Castillo, 2009). Por conseguinte, as relações de amizade tornam-se o principal recurso de suporte social, sendo que os adolescentes passam a estar mais tempo com os amigos do que com os pais e outros adultos (Furman & Buhrmester, 1992; Larson, 1999). Além disso, Goossens e Marcoen (1999) referem que os adolescentes experienciam maior solidão na relação com os pais do que com os pares, facto que também é suportado pelos resultados desta investigação.

No contexto das relações com os pares surgem também as primeiras relações românticas (Erikson citado em Heinrich & Gullone, 2006). No início da adolescência, estas relações são vividas apenas no contexto do grupo de pares, no entanto, com o avançar da adolescência os grupos de pares vão-se desintegrando, predominando as relações diádicas (Connolly, Furman & Konarski, 2000). Assim, no final da adolescência, as relações românticas tornam-se a principal fonte de suporte, companheirismo e intimidade (Feiring, 1996; Furman & Hand, 2006). No entanto, muitas vezes, os adolescentes deparam-se com uma discrepância entre a relação romântica, que idealizam e desejam para a satisfação das suas necessidades de intimidade, e a falha na sua obtenção, que é sentida de forma intensa e dolorosa dando origem a sentimentos de solidão (Rubenstein et. al, 1979). Neste sentido, os resultados desta investigação vão de encontro ao apresentado na literatura, sendo que são apresentados resultados superiores de solidão na relação romântica quando comparada com outro tipo de relações, sobretudo nos adolescentes com idade inferior a 16 anos. Desta forma, a primeira hipótese desta investigação foi confirmada.

Apesar de serem apresentados níveis elevados de solidão relativamente ao par romântico e aos pais, na presente investigação a experiência de estar só é mais encarada como positiva do que como negativa (embora as diferenças sejam pouco significativas). A literatura refere que o significado atribuído à solidão difere entre os adolescentes mais novos e os adolescentes mais velhos (Larson, 1990; Goossens & Marcoen, 1999; Wang, Rubin, Laursen, Booth-LaForce, & Rose-Krasnor, 2013). Neste sentido, os adolescentes mais novos habitualmente apresentam mais aversão à solidão do que os mais velhos, o que poderá estar relacionado com o início do processo de separação-indivuação e aquisição de autonomia (Larson, 1990; Wang et al., 2013). Nos

adolescentes mais velhos a solidão torna-se mais comum e é vivenciada com maior afinidade, sendo considerada importante para o crescimento pessoal e a construção da identidade e da individuação (Bastos & Costa, 2005; Burger, 1995; Goossens & Marcoen, 1999; Karnick, 2005; Larson, 1990; Moustakas citado em Perlman & Peplau, 1982). Assim, a não confirmação da segunda hipótese da presente investigação, pode estar relacionada com o facto da maioria dos adolescentes da amostra terem idade superior a 17 anos e, portanto, encararem a experiência de estar só de uma forma mais positiva.

Na literatura, encontramos evidências de que associado à afinidade à solidão, pode ser observado um aumento da solidão na relação com os pares, uma vez que a alteração das relações privilegiadas dos pais para os pares implica uma reformulação da identidade, sobretudo a nível interpessoal (Goossens & Marcoen, 1999). Neste sentido, muitas vezes, os adolescentes experienciam solidão na relação com os pares devido à dificuldade em encontrar um equilíbrio na reorganização do seu autoconceito, de forma a ser aceite na rede social (Goossens & Marcoen, 1999).

Nesta investigação, os resultados da análise estatística realizada relativamente às subescalas do Questionário de Avaliação da Solidão em função do género dos participantes indicam a existência de diferenças estatisticamente significativas quanto à solidão na relação com os pares, sendo que estes são mais elevados nas raparigas. Uma possível explicação que suporta o referido anteriormente, está relacionado com o facto de as raparigas apresentarem níveis de ansiedade social superiores aos dos rapazes (La Greca & Lopez, 1998), exibindo medo e preocupação relativamente à avaliação negativa dos pares acerca do seu aspeto físico e do seu comportamento. La Greca e Lopez (1998) referem ainda que as raparigas com elevados níveis de ansiedade apresentam menos intimidade, companheirismo e suporte nas suas relações de amizade. Além disso, apresentam maiores problemas de internalização, aumentando a propensão para o surgimento de dificuldades de ajustamento social culminando na experiência de solidão. Deste modo, a hipótese 3 desta investigação é confirmada, tendo sido apresentados valores superiores de solidão na relação com os pares nas adolescentes.

Segundo a literatura, a solidão aumenta e é mais prevalente na adolescência, evidenciando a existência de maiores níveis de solidão no início da adolescência (Heinrich & Gullone, 2006). No entanto, na presente investigação não se verificaram

diferenças quanto à experiência de solidão em função da idade, contrariamente ao esperado, não sendo confirmada a hipótese 4. É de salientar que os grupos etários da amostra não eram equitativos, sendo muito reduzido número de sujeitos com idades mais baixas, facto que pode ter contribuído para os resultados apresentados.

Como referido anteriormente, a adolescência constitui um período de crise, no sentido em que pressupõe a existência de múltiplas alterações (Roberts citado em Ferreira & Nelas, 2006). Neste sentido, apesar de as relações com os pais ganharem especial importância na adolescência, não é necessário existir uma ruptura na relação estabelecida com os pais. A família não deixa de ser uma fonte de segurança e apoio, que idealmente deve promover estabilidade e continuidade. Daí que, acontecimentos como o divórcio ou a separação dos pais, que conduzem a alterações na estrutura familiar tradicional e nos relacionamentos interpessoais entre os membros da família podem tornar os adolescentes mais suscetíveis ao desajustamento psicológico (Hack & Ramires, 2010; Moura & Matos, 2008; Souza, 1999). O conflito parental, as alterações da dinâmica familiar, do estilo de vida e das rotinas diárias e a diminuição do contacto com um dos pais são indicados como fatores que estão associados ao surgimento de sintomatologia de diversas ordens (Mota & Matos, 2009; Souza, 1999). A literatura indica-nos que o divórcio dos pais é um problema da família que, muitas vezes, implica também uma separação entre pais e filhos facto que pode levar os adolescentes a percecionarem uma diminuição da qualidade da parentalidade e, por isso, maior solidão na relação com os pais (Hack & Ramires, 2010; Moura & Matos, 2008). Na presente investigação, os resultados obtidos estão de acordo com os dados da literatura, evidenciando valores superiores de solidão na relação com os pais em adolescentes cujos pais estão divorciados, confirmando a hipótese 5.

Nesta investigação, verificamos ainda que adolescentes cujos pais estão divorciados apresentam menor qualidade emocional e ansiedade de separação na relação com a figura paterna. Este resultado parece estar em concordância com outros estudos que indicam que o divórcio ou separação dos pais associa-se a baixa vinculação aos pais na adolescência, sendo que tem especial impacto na qualidade da relação com a figura paterna (Moura & Matos, 2008; Woodward, Fergusson & Belsky, 2000).

Uma vez encontrados estes resultados, pareceu-nos pertinente realizar uma análise correlacional entre as subescalas da solidão e as subescalas da vinculação para perceber se estariam relacionadas. Assim, verificamos que existem correlações significativas negativas entre a solidão na relação com os pais e a qualidade do laço emocional, quer na vinculação ao pai como na vinculação à mãe. Verificamos ainda correlações significativas entre a solidão na relação com os pais e a ansiedade de separação, quer na vinculação ao pai como na vinculação à mãe (correlação significativa positiva e negativa, respetivamente). Posto isto, parece existir de facto uma associação entre a experiência de solidão na relação com os pais e a vinculação ao pai e à mãe. No entanto, os resultados demonstram que os adolescentes cujos pais estão divorciados ou separados apresentam apenas uma baixa vinculação ao pai, o que pode ser um reflexo do facto de a sua maioria viver com a mãe.

Além disso, por um lado, verificamos que a correlação existente entre a subescala da solidão na relação com os pais e a subescala de ansiedade de separação é positiva e, por outro, que os adolescentes cujos pais estão divorciados apresentam valores baixos de ansiedade de separação na relação com a figura paterna, o que parece um contrassenso. No entanto, este resultado pode ser um reflexo dos casos do quinto grupo que obtivemos a partir da análise de clusters, denominado de padrão desvinculado nesta investigação. Este padrão aparece caracterizado por baixa qualidade do laço emocional, baixa inibição da exploração e individualidade e baixa ansiedade de separação, ou seja, uma vinculação baixa. Além disso, corresponde a oito dos trinta e seis casos de adolescentes cujos pais estão divorciados, podendo exercer algum efeito nos dados estatísticos obtidos. No entanto, estes dados devem ser interpretados com prudência devido à dimensão da amostra.

Relativamente à experiência de solidão em função da distribuição dos padrões de vinculação, contrariamente ao esperado, na presente investigação o padrão de vinculação seguro não se associa a uma menor experiência de solidão nas suas várias dimensões. Neste caso, a vinculação segura está associada a menor experiência de solidão na relação com os pais e com o par amoroso, no entanto, o mesmo não se verifica quanto à relação com os pais, na qual se verifica uma elevada experiência de solidão quer no caso da vinculação ao pai como na vinculação à mãe. Estes resultados podem estar associados ao período de desenvolvimento em que os indivíduos da amostra se encontram, uma vez que na adolescência há um maior investimento nas

relações com os pares e o par amoroso. A experiência de solidão pressupõe a percepção de um déficit nas relações interpessoais, nomeadamente em termos de um desequilíbrio entre a relação desejada e a relação percebida como real. Na adolescência, esta é uma tarefa difícil devido ao processo de separação-individação, no qual o indivíduo experiencia uma dicotomia entre o desejo de autonomia e o desejo de continuidade do conforto afetivo e emocional obtido na relação de dependência mantida com os pais. No caso concreto dos adolescentes, embora a vinculação segura pressuponha a capacidade de obter o equilíbrio entre a autonomia e a dependência de outros, existe o fator de transição entre a infância e a idade adulta (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991). Este fator pode conduzir à percepção de lacunas na satisfação de necessidades de afeto, segurança e apoio por parte dos pais, uma vez que a vinculação segura permite maior experiência de separação e autonomia. Por conseguinte, este padrão de vinculação também permite aos adolescentes entrar mais em contacto com sentimentos menos agradáveis, como pode ser a experiência de solidão. Assim, a hipótese 6 desta investigação é parcialmente confirmada.

Em termos do significado atribuído à experiência de estar só, verificamos que os padrões de vinculação seguro e desinvestido estão associados a maior afinidade à solidude, confirmando a hipótese 7. No caso dos indivíduos com padrão de vinculação seguro, estes resultados podem estar associados ao facto de possuírem o que Winnicott (1978) descreve como sendo um bom objeto interno, que lhes permite ter segurança quer nas suas relações com outros como na relação consigo próprio. Por outro lado, os indivíduos com padrão de vinculação desinvestido, possuem um modelo positivo de si e negativo dos outros (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991). Neste sentido, indivíduos com este padrão de vinculação consideram que os outros não são confiáveis, o que os conduz a uma desvalorização e evitamento das relações de intimidade (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991). Assim, apesar de não evidenciarem segurança na relação com os outros, aparentam deter uma elevada autoconfiança que lhes permite experienciar a solidude com afinidade. Esta evidência demonstra-se, assim, congruente com o estudo de Freeman e Brown (2001), que referem que os adolescentes desinvestidos consideram que são o maior recurso de apoio para si próprios, apresentando preferência pela solidude.

O padrão de vinculação preocupado apresenta, por um lado, menor experiência de solidão na quer na relação com os pais como na relação romântica (sobretudo nos

resultados relativos à vinculação ao pai) e, por outro, resultados mais elevados relativamente à aversão à solidão (sobretudo nos resultados relativos à vinculação com a mãe). No caso da experiência da solidão, é curioso e compatível com as evidências da literatura, o facto de ser nas relações de maior intimidade que surgem os menores resultados de solidão. Estes resultados podem estar relacionados com a excessiva dependência que os indivíduos com padrão de vinculação preocupado apresentam nas relações de intimidade, caracterizadas também por um hiperenvolvimento emocional, que parece funcionar como protetor em relação ao sentimento de solidão (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991). Por conseguinte, devido à detenção de um modelo negativo de si e positivo dos outros, os indivíduos preocupados apresentam enormes dificuldades em estar sós, o que justifica os resultados elevados relativamente à aversão à solidão. Desta forma, a hipótese 8 é confirmada.

O padrão de vinculação amedrontado associa-se a uma maior experiência de solidão na relação com o par romântico e com os pares, confirmando a hipótese 9. Estes resultados parecem traduzir os pontos essenciais que caracterizam os indivíduos amedrontados, que possuem um modelo interno negativo quer de si como dos outros (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991). A baixa autoestima e insegurança faz com que se considerem incapazes de suscitar afeto por parte de outros, gerando um certo receio de investir em novas relações (Bartholomew & Horowitz, 1991; Bastos & Costa, 2005). Neste sentido, a apresentação de valores elevados de solidão relativamente aos pares e ao par amoroso parecem traduzir o medo que estes adolescentes têm relativamente ao estabelecimento de relações de intimidade (Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991). Curioso será o facto de na relação com os pais existirem resultados díspares relativamente à solidão na relação com os pais, que se apresenta reduzida no que respeita à vinculação ao pai e bastante elevada quanto à vinculação à mãe. Estes resultados parecem sugerir que, de facto, a vinculação ao pai não é necessariamente semelhante à vinculação apresentada relativamente à mãe.

6. Conclusão

A presente investigação teve como principal objetivo contribuir para a compreensão a experiência de solidão vivenciada pelo adolescente nas suas relações com os pais, os pares e o par amoroso e o significado que atribui à experiência de estar só, na sua relação com o padrão de vinculação apresentado face aos pais. Desta forma, foi estabelecida como variável dependente a solidão medida com o *Questionário de Avaliação da Solidão* (Bastos, 2005), nas subescalas de Solidão na Relação com os Pais, Solidão na Relação com os Pares, Solidão na Relação com o Par Amoroso, Afinidade à Solitude e Aversão à Solitude. Como variáveis independentes foram estabelecidas os padrões de vinculação aos pais, medidos através do *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (Gouveia & Matos, 2011), nas dimensões de Qualidade do Laço Emocional, Inibição da Exploração e Individualidade e Ansiedade de separação, o género, a idade e o estado civil dos pais. A amostra foi constituída por 122 adolescentes (91 do sexo feminino e 21 do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos e frequência num grau de ensino que varia entre o 9º e o 12º ano.

A revisão de literatura efetuada descreve a adolescência como um período transitório no qual ocorrem múltiplas transformações biopsicossociais, que implicam uma constante reorganização do sistema psicológico. As principais mudanças surgem a nível da construção da identidade e do surgimento de novas necessidades sociais e de intimidade, culminando num segundo processo de separação-individuação e na procura de autonomia relativamente aos pais. Estes processos apesar de desejados pelo adolescente são também geradores de ansiedade, uma vez que pressupõem a existência de uma separação interna das figuras de vinculação da infância, bem como uma redefinição dos padrões de relacionamento com as mesmas. Por conseguinte, estas conquistas dependem da qualidade das relações estabelecidas com os pais nos primeiros anos de vida, nomeadamente dos padrões de vinculação, o que revela a pertinência desta investigação.

Na infância, as relações estabelecidas com as figuras de vinculação funcionam como um protótipo a partir do qual os indivíduos criam modelos internos que caracterizam o próprio *self* e os outros. Posteriormente, com a aquisição das novas

necessidades de sociais e de intimidade, esses modelos serão generalizados a outros tipos de relação, influenciando a capacidade de estabelecimento das relações. Desta forma, percebemos a importância do estabelecimento de relações que primem pela segurança entre pais e filhos. Só uma relação que garanta a satisfação das necessidades de apoio e afeto na infância permite ao indivíduo internalizar bons modelos de relacionamento, capazes de desenvolver um sentimento de segurança. É, pois, esta confiança que permite o indivíduo partir para o desconhecido, encontrando um equilíbrio entre o desejo de autonomia e o desejo de manter relações de intimidade que lhe proporcionem segurança e afeto.

Vinculação e solidão acabam por estar associadas, uma vez que os modelos internos de que dispomos ditam a segurança ou insegurança que sentimos nas nossas relações, o que influencia a nossa percepção de solidão. Neste sentido, a solidão é considerada um fenómeno multidimensional, sendo que diferentes tipos de relação podem ser sentidos como mais ou menos satisfatórios em termos de segurança, apoio e afeto. Assim, a solidão está relacionada com a percepção de défices numa ou mais dimensões das relações interpessoais, que normalmente resultam de uma discrepância entre a relação desejada e a relação percebida pelo sujeito como sendo a real (Peplau & Perlman, 1982). Por outro lado, a experiência de estar só pode ser considerada positiva e caracterizada como edificante e importante para o crescimento pessoal e o desenvolvimento da identidade pessoal e da individuação. Na adolescência, dadas as mudanças descritas, a solidão é considerada uma experiência normativa, sendo que normalmente é vivenciada com sofrimento. No entanto, para alguns indivíduos, com o tempo vai-se tornando uma experiência agradável.

A principal conclusão que podemos retirar desta investigação prende-se com o facto de se observar uma nítida associação entre a vinculação e a experiência de solidão. Podemos perceber que a experiência de solidão e a percepção do seu significado difere consoante o padrão de vinculação que o adolescente apresente face aos pais, sendo que estes também diferem entre si. Um resultado bastante importante a ter em conta nesta investigação é o facto de o divórcio ou a separação dos pais ter um efeito bastante negativo quer na vinculação quer na percepção de solidão relativamente aos pais. Muitas vezes, o conflito parental acaba por se generalizar à relação pais-filhos, sendo que os filhos vêem-se envolvidos em ambientes pouco propícios ao equilíbrio psicológico. Neste sentido, muitas vezes, veem os seus estilos de vida e rotinas sofrerem bruscas

mudanças, que culminam com o afastamento de um dos pais. Esta é uma temática bastante importante na medida em que é essencial que os pais estejam conscientes da necessidade de estarem alerta relativamente aos sinais que os adolescentes demonstram perante estas situações de crise e que podem ter repercussões no seu bem-estar psicológico.

Os resultados desta investigação demonstram o surgimento de um padrão que se distancia dos protótipos de vinculação estabelecidos por Bartholomew e Horowitz (1991) e que parece evidenciar a existência de baixo envolvimento emocional relativamente às figuras de referência. Este padrão foi tido em conta nos resultados da investigação devido à sua prevalência na amostra, sendo que parece pertinente que o seu conhecimento seja aprofundado em estudos futuros.

Em termos da relação entre a experiência de solidão e o significado que lhe é atribuído e a distribuição dos padrões de vinculação do modelo bidimensional de Bartholomew e Horowitz (1991), verificamos que os resultados suportavam os dados recolhidos através da revisão da literatura, confirmando a maioria das hipóteses em estudo. O padrão de vinculação seguro não se mostrou totalmente de acordo com o que era esperado, sendo que apareceu associado a uma maior experiência de solidão com os pais, sobretudo na vinculação ao pai, comparativamente com os padrões de vinculação preocupado e amedrontado.

Na presente investigação podem ser encontradas algumas limitações que podem ter dificultado o apuramento e a interpretação de alguns resultados. A dimensão da amostra era reduzida, existindo também um contraste significativo em termos do género dos participantes, sendo que eram maioritariamente do sexo feminino. A distribuição de idades da amostra também não era equitativa, existindo um grande número de participantes com idade superior a 17 anos e escassos participantes com idades entre os 14 e os 16 anos. O estado civil dos pais dos participantes, que constitua uma variável sociodemográfica da presente investigação, apresentava também uma discrepância bastante elevada de casos, sendo que existia um número reduzido de adolescentes cujos pais estavam divorciados.

Estudos futuros poderão desenvolver mais aprofundadamente o estudo da solidão na sua relação com a vinculação, introduzindo novas variáveis pertinentes.

Além disso, poderão ser realizados com amostras de dimensões superiores recolhidas em diferentes contextos.

Seria interessante estudar também os padrões de vinculação, no sentido de compreender a que se o surgimento do padrão desvinculado, encontrado nesta investigação.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. (1985). Attachments across the life span. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61, 792-812.
- Allen, J. P., McElhaney, M. B., Land, D. J., Kuperminc, G. P., Moore, C. W., O'Beirne-Kelly, H., Kilmer, S. L. (2003). A secure base in adolescence: markers of attachment security in the mother-adolescent relationship. *Child Development*, 74(1), 292-307.
- Bartholomew, K. (1997). Adult attachment processes: individual and couple perspectives. *British Journal of Medical Psychology*, 70, 249-263.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244.
- Bastos, M. T. (2005). *A solidão e os processos de vinculação nos jovens e sua interação com a utilização da internet*. Tese de Doutorado, Universidade do Porto, Porto.
- Bastos, M. T., & Costa, M. E. (2005). A influência da vinculação nos sentimentos de solidão nos jovens universitários: implicações para a intervenção psicológica. *Psicologia*, 18(2), 33-56.
- Bowlby, J. (1969) *Attachment and loss*. vol. 1: *Attachment*. London: The Hogarth Press.
- Brennan, T. (1982). Loneliness at adolescence. In L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy* (pp. 379-405). New York: Wiley-Interscience.
- Burger, J. M. (1995). Individual differences in preference for solitude. *Journal of research in personality*, 29, 85-108.
- Cacippo, J. T., Hughes, M. E., Waite, L. J., Hawkley, L. C., & Thisted, R. A. (2006). Loneliness as a specific risk factor of depressive symptoms: Cross-sectional and longitudinal analyses. *Psychology and Aging*, 21, 140-151.

- Carvajal-Carrascal, G.C. & Caro-Castillo, C.V. (2009). Soledad en la adolescencia: análisis del concepto. *Aquichan*, 9(3), 281-296.
- Connolly, J., Furman, W., & Konarski, R. (2000). The role of peers in the emergence of heterosexual romantic relationships in adolescence. *Child Development*, 71, 1395-1408.
- de Jong Gierveld, J. (1998). A review of loneliness: concept and definitions, determinants and consequences. *Reviews in Clinical Gerontology*, 8, 73-80.
- DiTommaso, E. (1997). Assessing an attachment model of loneliness: the relationship between attachment style, chronic loneliness and coping. Dissertação de Doutorado não publicada. EUA: The University of New Brunswick.
- Ferreira, M., & Nelas, P.B. (2006). Adolescências... Adolescentes... *Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu*, 32, 141-162.
- Freeman, H., & Brown, B. (2001). Primary attachment to parents and peers during adolescence: differences by attachment style. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(6), 653-674.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115.
- Furman, W., & Hand, L. S. (2006). The slippery nature of romantic relationships: Issues in definition and differentiation. In A. Booth & A. C. Crouter (Eds.), *Romance and sex in adolescence and emerging adulthood: Risks and opportunities* (pp. 171-178). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Goossens, L., & Marcoen, A. (1999). Adolescent loneliness, self-reflection, and identity: From individual differences to developmental processes. In K. J. Rotenberg, & S. Hymel (Eds.), *Loneliness in childhood and adolescence* (pp. 225-243). New York: Cambridge University Press.
- Goossens, L., Marcoen, A., van Hees, S., & van de Woestijne, O. (1998). Attachment style and loneliness in adolescence. *European Journal of Psychology of Education*, 12, 529-542.
- Gouveia, T. & Matos, P. M. (2011). *Manual QVPM - Questionário de vinculação ao pai e à mãe*. Recuperado de <https://sites.google.com/site/manualqvpm/>

- Hack, S., & Ramires, V. (2010). Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. *Psicologia Clínica*, 22(1), 85-97.
- Heinrich, L. M., & Gullone, E. (2006). The clinical significance of loneliness: a literature review. *Clinical Psychology Review*, 26, 695-718.
- Karnick, P. M. (2005). Feeling Lonely: Theoretical Perspectives, *Nursing Science Quarterly*, 18(1), 7-12.
- Killeen, C. (1998). Loneliness: an epidemic in modern society. *Journal of Advanced Nursing*, 28(4), 762-770.
- Koenig, L., & Abrams, R. (1999). Adolescent loneliness and adjustment: a focus on gender differences. In K. J. Rotenberg, & S. Hymel (Eds.), *Loneliness in childhood and adolescence* (pp. 296–322). New York: Cambridge University Press.
- La Greca, A., & Lopez, N. (1998). Social anxiety among adolescents: linkages with peer relations and friendships. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 26(2), 83-94.
- Larson R.(1990). The solitary side of life: an examination of the time people spend alone from childhood to old age. *Developmental Review*;10(2), 155–183.
- Larson, R. W. (1999). The uses of loneliness in adolescence. In K. J. Rotenberg & S. Hymel (Eds.), *Loneliness in childhood and adolescence* (pp. 244–262). Cambridge: Cambridge University Press.
- Larson, R., Csikszentmihalyi, M., & Graef, R. (1982). Time alone in daily experience: loneliness or renewal? In L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy* (pp. 379-405). New York: Wiley-Interscience.
- Lasgaard, M., & Elklit, A. (2009). Prototypic Features of Loneliness in a Stratified Sample of Adolescents. *Interpersona*, 3(1), 85-110.
- Lasgaard, M., Goossens, L., Bramsen, R. H., Trillingsgaard, T., & Elklit, A. (2011). Different sources of loneliness are associated with different forms of psychopathology in adolescence. *Journal of Research in Personality*, 45, 233-237.

- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista portuguesa de pedagogia*, 41(2), 5-28.
- Marcoen, A., Goossens, L., & Caes, P. (1987). Loneliness in pre-through late adolescence: exploring the contributions of a multidimensional approach. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(6), 561- 577.
- Matos, M. (2005). Adolescência, representação e psicanálise. Lisboa: Climepsi Editores.
- McWhirter, B. T. (1990). Loneliness: a review of current literature, with implications for counseling and research. *Journal of Counseling & Development*, 88(4), 417-422.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2009). Apelo, conflito e auto-estima em adolescentes de famílias intactas e divorciadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 344-352.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito inter-parental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127-152.
- Neto, F., & Barros, J. (2001). Solidão em diferentes níveis etários. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 3, 71-88.
- Nickerson, A. B., & Nagle, R. J. (2004). The influence of parent and peer attachments on life satisfaction in middle childhood and early adolescence. *Social Indicators Research*, 66, 35-60.
- Paikoff, R. L., & Brooks-Gunn, J. (1991). Do parent-child relationships change during puberty? *Psychological Bulletin*, 110(1), 47-66.
- Peplau, L.A., & Perlman, D. (1982). *Loneliness: a sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley-Interscience.
- Perlman, D., & Peplau, L. A. (1998). Loneliness. In H. S. Friedman (Ed.) *Encyclopedia of mental health*, Vol 2 (pp. 571-581). San Diego, CA: Academic Press.
- Rubenstein C. & Shaver, P. (1982). The experience of loneliness. In L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy* (pp. 206-223). New York: Wiley-Interscience.

- Rubenstein, C., Shaver, P., & Peplau, L. A. (1979). Loneliness. *Human Nature*, 2, 58-65.
- Sippola, L. K., & Bukowski, W. M. (1999). Self, other, and loneliness from a developmental perspective. In K. J. Rotenberg, & S. Hymel (Eds.), *Loneliness in childhood and adolescence* (pp. 280–295). Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Souza, R. M. (1999). As crianças e suas ideias sobre o divórcio. *Psicologia Revista: Revistada Faculdade de Psicologia da PUC-SP*, 9, 103-120.
- van Ijzendoorn, M. H., Schuengel, C., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1999). Disorganized attachment in early childhood: meta-analysis of precursors, concomitants, and sequelae. *Development and Psychopathology*, 11, 225-249.
- Wang, J. M., Rubin, K. H., Laursen, B., Booth-LaForce, C. & Rose-Krasnor, L. (2013) Preference-for.solitude and adjustment difficulties in early and late adolescence. *J Clin Child Adolesc Psychol*, 42(6). doi:10.1080/15374416.2013.794700.
- Woodward, L., Fergusson, D. M., & Belsky, J. (2000). Timing of parental separation and attachment to parents in adolescence: Results of a prospective study from birth to age 16. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 162-174.
- Young (1982). Loneliness, depression and cognitive therapy: theory and application. In L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy* (pp. 379-405). New York: Wiley-Interscience.

ANEXOS

ANEXO I – Questionário Sociodemográfico

Sexo: F M

Idade: ____ anos

Indica se:

Vives com ambos os pais: Sim Não

Vives só com a mãe: Sim Não

Vives só com o pai: Sim Não

Outras situações não especificadas _____

ANEXO II – Questionário de Avaliação da Solidão

Nas páginas seguintes irás encontrar um conjunto de afirmações. Tendo como referência os últimos 2 anos da tua vida, responde atentamente a cada uma delas, assinalando com um círculo (O) a opção que melhor te caracteriza:

Discordo totalmente 1	Discordo 2	Nem discordo nem concordo 3	Concordo 4	Concordo totalmente 5	
1. Sinto que tenho uma forte ligação afetiva aos meus pais.	1	2	3	4	5
2. Isolo-me dos outros para fazer coisas que dificilmente podem ser feitas com um grande número de pessoas.	1	2	3	4	5
3. Os meus pais reservam parte do seu tempo para me dar atenção.	1	2	3	4	5
4. Acho que tenho menos amigos do que as outras pessoas.	1	2	3	4	5
5. Eu sou uma parte importante da vida de alguém.	1	2	3	4	5
6. Eu quero estar sozinho(a).	1	2	3	4	5
7. Sinto-me excluído(a), pelos meus colegas de turma.	1	2	3	4	5
8. Quando estou sozinho(a), sinto-me aborrecido.	1	2	3	4	5
9. Gostaria de estar melhor integrado(a) na minha turma.	1	2	3	4	5
10. Eu tenho um namorado(a)/companheiro(a) com quem partilho os meus pensamentos e emoções mais íntimos.	1	2	3	4	5
11. Sinto-me posto(a) de parte pelos meus pais.	1	2	3	4	5
12. Quando me sinto sozinho(a), tenho de procurar alguns amigos.	1	2	3	4	5
13. Anseio por um momento para estar sozinho(a).	1	2	3	4	5
14. Quando estou aborrecido(a), sinto-me infeliz.	1	2	3	4	5
15. Existe alguém que quer partilhar a sua vida comigo.	1	2	3	4	5
16. Os meus pais dão-me apoio.	1	2	3	4	5
17. Temo que os outros não me aceitem no grupo.	1	2	3	4	5
18. Acho muito difícil conversar com os meus pais.	1	2	3	4	5

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 19. Quando me sinto sozinho(a), isolo-me para refletir sobre isso. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. Eu tenho necessidade de ter um relacionamento íntimo mas não tenho. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. Quando discuto com alguém, preciso de estar sozinho(a) para pensar sobre isso. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. Para me divertir, tenho de estar com os meus amigos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 23. Na escola, sinto-me sozinho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 24. Quando me sinto sozinho(a), o tempo custa a passar e nenhuma atividade me atrai. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 25. Eu dou por mim a desejar encontrar alguém com quem possa partilhar a minha vida. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 26. Por vezes, estar só acalma-me. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 27. Acho que não tenho nenhum amigo(a) com quem possa desabafar inteiramente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 28. Para refletir seriamente sobre determinados assuntos, prefiro estar sozinho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 29. Quando estou sozinho(a), gostaria de ter outras pessoas à minha volta. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 30. Eu estou apaixonado(a) por uma pessoa que também está apaixonada por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 31. Agrada-me quando fico sozinho(a) em casa, pois posso aproveitar esse tempo para refletir. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 32. Quando estou aborrecido(a), procuro um amigo(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 33. Sinto-me abandonado(a) pelos meus amigos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 34. Sinto-me triste quando tenho de fazer alguma coisa sozinho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 35. Eu gostaria de ter uma relação amorosa mais satisfatória. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 36. Para fazer certas coisas, eu preciso de estar sozinho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 37. Sinto que os meus pais e eu devemos ficar sempre juntos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 38. Os meus pais partilham os mesmos interesses que eu. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 39. Quando me sinto sozinho(a), eu próprio(a) procuro alguém. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 40. Eu tenho alguém que preenche a minha necessidade de intimidade. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 41. Sinto-me triste porque os meus amigos não querem estar comigo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 42. Quando estou aborrecido(a), sinto-me sozinho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 43. Os meus pais mostram-se realmente interessados em mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 44. Estar sozinho(a) dá-me coragem e força para continuar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 45. Eu tenho um namorado(a)/companheiro(a) que satisfaz as minhas necessidades emocionais. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 46. Em casa procuro momentos para estar só, para que possa fazer coisas por mim próprio(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 47. Sinto-me triste porque não tenho amigos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 48. Em casa, sinto-me bem. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 49. Eu tenho um namorado(a)/companheiro(a) que me dá o apoio e a coragem que necessito. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 50. Quando estou sozinho(a), sinto-me mal. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 51. É para mim muito difícil fazer amigos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 52. Sinto-me isolado(a) das pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 53. Quando me sinto sozinho(a), não sei o que fazer. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 54. Eu gostaria de ser capaz de dizer àquela pessoa por quem estou apaixonado(a), o que sinto por ela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 55. A relação que tenho com os meus pais é muito boa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 56. Os meus pais estão sempre disponíveis para me ouvir e me ajudar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 57. Sinto-me abandonado(a) pelo meu grupo de amigos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 58. Procuro distanciar-me dos outros, porque eles me perturbam com o seu barulho. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 59. Eu duvido que os meus pais realmente gostem de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 60. Eu tenho um namorado(a)/companheiro(a) para cuja felicidade contribuo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

ANEXO III – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

Neste questionário vais encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Lê atentamente e assinala com um círculo (O) as respostas que melhor exprimem o modo como te sentes com cada um dos teus pais. Responde em colunas separadas para o **pai** e a **mãe**, de acordo com as seis alternativas que se seguem:

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

- | | Pai | | | | | | Mãe | | | | | |
|--|------------|----------|----------|----------|----------|----------|------------|----------|----------|----------|----------|----------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 1. Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo. | | | | | | | | | | | | |
| 2. Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo. | | | | | | | | | | | | |
| 3. É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu faço. | | | | | | | | | | | | |
| 4. Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas. | | | | | | | | | | | | |
| 5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim. | | | | | | | | | | | | |
| 6. Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais. | | | | | | | | | | | | |
| 7. Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova. | | | | | | | | | | | | |
| 8. Os meus pais conhecem-me bem. | | | | | | | | | | | | |
| 9. Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo. | | | | | | | | | | | | |
| 10. Não vale muito a pena discutirmos porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer. | | | | | | | | | | | | |
| 11. Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida. | | | | | | | | | | | | |
| 12. Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais. | | | | | | | | | | | | |

13. Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
14. Em muitas coisas eu admiro os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
15. Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
16. Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
18. Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
19. Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
20. Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
21. Faço tudo para agradar aos meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
22. Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
23. Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
24. Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
25. Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
26. Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
27. Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
28. Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
29. Se tivesse de ir morar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
30. Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6

ANEXO IV - Consentimento Informado dos Encarregados de Educação

Lisboa, __ de _____ de 2014

Exmo(a). Senhor(a) Encarregado de Educação;

No âmbito da investigação “**Solidão na adolescência: A autoestima e os padrões de vinculação aos pais**”, sob a orientação da Prof. Doutora Constança Biscaia, no contexto da dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica Dinâmica, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, solicito a sua autorização para que o seu educando/a possa colaborar através do preenchimento de 3 questionários, administrados numa única sessão com duração aproximada de 30 minutos.

Os questionários pretendem medir a perceção dos adolescentes sobre a forma de como vivem as experiências de solidão e o significado que lhes atribuem, em conjunto com a avaliação que fazem da sua autoestima e dos padrões de vinculação que evidenciam relativamente aos pais.

Os dados recolhidos no decorrer do estudo são totalmente confidenciais e serão apenas usados para fins de análise estatística. Não será registada qualquer informação pessoal identificativa dos participantes, garantindo-se o anonimato das mesmas. A participação do seu educando/a na presente investigação é voluntária e nesse sentido poderá desistir a qualquer momento.

Agradeço desde já a colaboração do seu educando/a

Com os melhores cumprimentos,

Marina Maia

Eu, _____, abaixo assinado, declaro que fui informado acerca da investigação com o tema “Solidão e padrões de vinculação aos pais na adolescência” e que autorizo a participação do meu educando/a na investigação, conduzida por Marina Maia, do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Observações: _____

_____ de _____ de 2014

ANEXO V - Análise das diferenças entre as dimensões QVPM e o género dos adolescentes

Resultados relativos ao teste *Mann-Whitney* para a variável género em função das subescalas do QVPM

Dimensões	Feminino (n=91)	Masculino (n=31)	U	Z
	Média das ordens	Média das ordens		
<i>Pai</i>				
QLE	62,20	59,45	1347,0	,708
IEI	58,07	71,56	1098,5	,066
AS	62,71	57,94	1300,0	,516
<i>Mãe</i>				
QLE	61,86	60,45	1378,0	,848
IEI	57,98	71,84	1090,0	,059
AS	62,81	57,66	1291,5	-,700

ANEXO VI – Análise das diferenças entre as dimensões QVPM e o estado civil dos pais dos adolescentes

Resultados relativos ao teste *Mann-Whitney* para a variável estado civil dos pais dos adolescentes em função das dimensões do QVPM

Subescalas Solidão	Pais Divorciados (n=86)	Pais Não-Divorciados (n=36)	U	Z
	Média das ordens	Média das ordens		
<i>Pai</i>				
QLE	38,15	71,27	707,5	-4,725*
IEI	53,67	64,78	1266,0	-1,584
AS	46,22	67,90	998,0	-3,089*
<i>Mãe</i>				
QLE	56,54	63,58	1369,5	-1,006
IEI	50,94	65,92	1168,0	-2,135*
AS	62,79	60,96	1501,5	-,261

* $p \leq .05$